REVISTA DA Fiec

Publicação do Sistema
Federação das Indústrias
do Estado do Ceará
Ano VIII • N. 93 • Maio 2015

ISSN 1983-344X
9 771983 344009 00093

65 ANOS
FIEC
A força da indústria cearense



Ceará feito de indústria

Nos 65 anos da FIEC, os empresários Humberto Fontenele, Pedro Lima e Ivens Dias Branco Júnior são os agraciados com a Medalha do Mérito Industrial 2015

/sistemafiec
@fieconline



FIEC
SESI
SENAI
IEL

FIEC

Federação das Indústrias do Estado do Ceará

Diretoria
PRESIDENTE Jorge Alberto Vieira Studart – Beto Studart
1º VICE-PRESIDENTE Alexandre Pereira Silva
VICE-PRESIDENTE Hélio Perdigão Vasconcelos, Roberto Sérgio Oliveira Ferreira, Carlos Roberto Carvalho Fujita
DIRETOR ADMINISTRATIVO José Ricardo Montenegro Cavalcante
DIRETOR ADMINISTRATIVO ADJUNTO Marcus Venicius Rocha Silva
DIRETOR FINANCEIRO Edgar Gadelha Pereira Filho
DIRETOR FINANCEIRO ADJUNTO Ricard Pereira Silveira
DIRETORES José Agostinho Carneiro de Alcântara, Roseane Oliveira de Medeiros, Carlos Rubens Araújo Alencar, Marcos Antonio Ferreira Soares, Elias de Souza Carmo, Marcos Augusto Nogueira de Albuquerque, Jaime Belicanta, José Alberto Costa Bessa Júnior, Verônica Maria Rocha Perdigão, Francisco Eulálio Santiago Costa, Luiz Francisco Juaçaba Esteves, Francisco José Lima Matos, Geraldo Bastos Osterno Junior, Lauro Martins de Oliveira Filho, Luiz Eugênio Lopes Pontes, Francisco Demontiê Mendes Aragão.
CONSELHO FISCAL TITULARES Marcos Silva Montenegro, Germano Maia Pinto, Vanildo Lima Marcelo.
SUPLENTES Aluísio da Silva Ramalho, Adriano Monteiro Costa Lima, Marcos Veríssimo de Oliveira.
DELEGADOS DA CNI TITULARES Alexandre Pereira Silva, Fernando Cirino Gurgel.
SUPLENTES Jorge Parente Frota Júnior, Jorge Alberto Vieira Studart - Beto Studart.
SUPERINTENDENTE GERAL DO SISTEMA FIEC Fátima Santana.

Serviço Social da Indústria – SESI / Conselho regional
PRESIDENTE Jorge Alberto Vieira Studart – Beto Studart
SUPERINTENDENTE REGIONAL Cesar Augusto Ribeiro
DELEGADOS DAS ATIVIDADES INDUSTRIAIS EFETIVOS Cláudio Sidrim Targino, Marcos Silva Montenegro, Ricardo Pereira Sales, Carlos Roberto Carvalho Fujita
SUPLENTES Abdias Veras Neto, José Agostinho Carneiro de Alcântara, Luiz Francisco Juaçaba Esteves, Paula Andréa Cavalcante da Frota.
REPRESENTANTE DO MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO EFETIVO
Francisco José Pontes Ibiapina **SUPLENTE** Francisco Wellington da Silva
REPRESENTANTE DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ EFETIVO
Denilson Albano Portácio **SUPLENTE** Paulo Venício Braga de Paula
REPRESENTANTE DA CATEGORIA ECONÔMICA DA PESCA NO ESTADO DO CEARÁ EFETIVO
Francisco Oziná Lima Costa **SUPLENTE** Eduardo Camarço Filho
REPRESENTANTE DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA NO ESTADO DO CEARÁ EFETIVO
Francisco Antônio Martins dos Santos **SUPLENTE** Raimundo Lopes Júnior

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI / Conselho regional
PRESIDENTE Jorge Alberto Vieira Studart – Beto Studart
DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL Paulo André de Castro Holanda
DELEGADOS DAS ATIVIDADES INDUSTRIAIS EFETIVOS Marcus Venícius Rocha Silva, Aluísio da Silva Ramalho, Ricard Pereira Silveira, Edgar Gadelha Pereira Filho
SUPLENTES Marcos Antônio Ferreira Soares, Paulo Alexandre de Sousa, Francisco Lélio Matias Pereira, Marcos Augusto Nogueira de Albuquerque.
REPRESENTANTE DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SUPLENTE Samuel Brasileiro Filho
REPRESENTANTE DA CATEGORIA ECONÔMICA DA PESCA DO ESTADO DO CEARÁ EFETIVO
Elisa Maria Gradvohl Bezerra **SUPLENTE** Eduardo Camarço Filho
REPRESENTANTE DO MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO EFETIVO
Francisco Enio Oliveira Alencar **SUPLENTE** Francisco José Pontes Ibiapina
REPRESENTANTE DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DO ESTADO DO CEARÁ EFETIVO
Carlos Alberto Lindolfo de Lima **SUPLENTE** Francisco Alexandre Rodrigues Barreto

Instituto Euvaldo Lodi – IEL
DIRETOR-PRESIDENTE Jorge Alberto Vieira Studart – Beto Studart
SUPERINTENDENTE Francisco Ricardo Beltrão Sabadia

Revista da FIEC

COORDENACÃO
Ana Maria Xavier I anamariaxavier@sfiec.org.br
EDIÇÃO
Ana Paola Vasconcelos I apvasconcelos@sfiec.org.br
Luiz Henrique Campos I lhcampos@sfiec.org.br
REDAÇÃO
Ana Paula Dantas I apdantas@sfiec.org.br
Ana Paola Vasconcelos I apvasconcelos@sfiec.org.br
Camila Gadelha I cfgadelha@sfiec.org.br
Gevan Oliveira I gdoliveira@sfiec.org.br
Marcellus Rocha I mrlima@sfiec.org.br
COLABORAÇÃO
Ana Mary Cavalcante
Lucinthya Gomes
FOTOGRAFIA
Giovanni Santos I gsantos@sfiec.org.br
José Rodrigues Sobrinho I jrsobrinho@sfiec.org.br
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Vibri Design & Branding I www.vibri.com.br
ILUSTRAÇÕES
Romualdo Faura I info@romualdofaura.com
Edson Júnior I edsonjr@vibri.com.br
REVISÃO DE TEXTOS
Silvânia Bravo Bezerra
ENDEREÇO I REDAÇÃO
Av. Barão de Studart, 1980 – 4º andar
Fortaleza-CE / CEP: 60.120-024
CONTATO
(85) 3421.5434 / 3421.5435
E-mail: gecom@sfiec.org.br

Revista da FIEC *é uma publicação mensal editada pela Gerência de Comunicações (Gecom) do Sistema FIEC.*

TIRAGEM 5.000 exemplares
IMPRESSÃO Expressão Gráfica

GERENTE DE COMUNICAÇÕES
Ana Maria Xavier

PUBLICIDADE
(85) 3421.4203
E-mail: gecom@sfiec.org.br

CONTATO COMERCIAL
Edileuza Mendonça
(85) 3242.9241 / 8764.8859

Revista da FIEC - Ano 8. nº 93 (Maio de 2015)

- Fortaleza: Federação das Indústrias do Estado do Ceará, 2015 -
v.; 21,5 cm
Mensal
ISSN 1983-344X

1. Indústria. 2. Periódico. I. Federação das Indústrias do Estado do Ceará. Gerência de Comunicações

CDU: 67 (051)

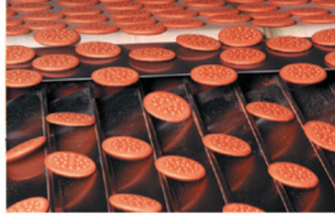




M. Dias Branco, crescemos com qualidade.

Conquistando parceiros e resultados, desenvolvemos nossos produtos com a melhor tecnologia de ponta apostando sempre na produtividade, sustentabilidade e é claro, na qualidade.
Nossa satisfação é levar para sua casa sabor e tradição através de nossos produtos.
M. Dias Branco, levando sempre o melhor para sua mesa.















M. Dias Branco

marketing[mdb]



MEDIÇÕES ATMOSFÉRICAS E MONITORAMENTO AMBIENTAL

A **Geocorr Ambiental** é uma empresa de consultoria e estudos ambientais que oferece soluções em diversos setores para as atividades e empreendimentos que utilizem ou afetem os recursos naturais.
Dotada de técnicos especializados e dispondo de equipamentos para monitoramento da qualidade do ar e emissões de ruído, tem por objetivo a manutenção e adequação de sua empresa nos padrões legais, de acordo com as normas técnicas exigidas. Assumindo o compromisso com a qualidade e os cuidados com o meio ambiente, visando assim monitorar e dar segurança ao seu empreendimento.

www.geocorrambiental.com.br
+55 (85) 3218.3434

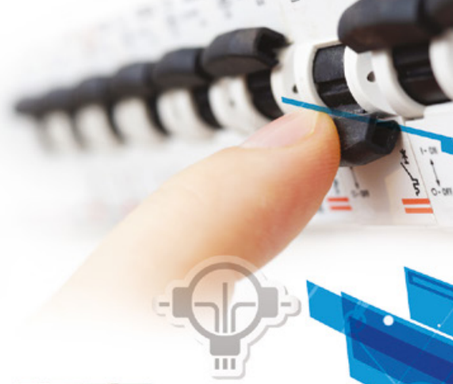
GEOCORR
AMBIENTAL

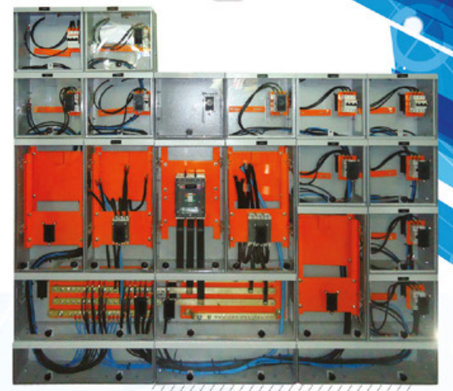
Carmehil
SOLUÇÕES INDUSTRIAIS

Painéis Elétricos Carmehil, aqui a qualidade é garantida!

- Projetados de acordo com as necessidades dos clientes;
- Com aplicações residenciais, comerciais e industriais de pequeno, médio e grande portes;
- Produzidos através de um rigoroso padrão de qualidade, obedecendo as Normas Brasileiras de Engenharia Elétrica;
- Segurança e confiabilidade.

ABB *Painéis produzidos com a qualidade ABB.*





Quadro TTA ABB



Quadro QTM



Quadro QGBT

Rua Gustavo Sampaio, 201 - Parque Araxá | Fortaleza - CE | 60455-001 | (85) 4008.6666
www.carmehil.com.br

CK COMUNICAÇÃO



Na defesa da indústria, do Ceará e dos cearenses

O estatuto de criação da Federação das Indústrias do Estado do Ceará, a nossa FIEC, em 1950, assinado pelo ilustre primeiro presidente, Waldyr Diogo, relatava que sua missão principal era "amparar e defender os interesses gerais das indústrias que congrega e representá-las perante os poderes públicos federal, estaduais e municipais, colaborando com os mesmos no estudo e solução de todos os assuntos que possam interessar às atividades produtoras e à expansão da economia nacional". Hoje, 65 anos depois, podemos não só dizer que a Federação cumpriu muito bem a missão a que se propôs, mas que fez muito mais.

Quando pensamos na FIEC, pensamos numa grande instituição que agrega empresas, seus empresários, que luta pelos seus interesses e pelo desenvolvimento dos setores produtivos, mas que não se restringe somente a isso. Nós somos feitos de tecnologia, de inovação, de formação, de saúde do trabalhador, de educação para o trabalho e para a gestão, de defesa do meio ambiente, de responsabilidade social e também dos interesses da sociedade. Nós somos a indústria, mas também somos a economia, o desenvolvimento do estado, somos os cearenses. A FIEC se sente grande e tem consciência de que a credibilidade que possui lhe dá ainda mais responsabilidades, principalmente o desafio de estar atenta ao ambiente onde está inserida, como uma instituição atuante, forte, com independência e coerência para lutar pelo melhor para o Ceará e para o Brasil.

Tenho muito orgulho de estar nessa caminhada. Como décimo presidente desta Federação, me sinto honrado em suceder grandes homens que fizeram história. Cada um deles, Waldyr Diogo Siqueira, Thomaz Pompeu de Sousa Brasil Netto, José Raimundo Gondim, Francisco José Andrade de Silveira, José Flávio Costa Lima, Luiz Esteves Neto, Fernando Cirino Gurgel, Jorge Parente e Roberto Macêdo, deixou uma contribuição inestimável e muito valiosa. Graças a eles, estamos aqui.

Nos 65 anos da FIEC, convidamos você, nosso estimado leitor, a fazer um passeio pela história da industrialização do Ceará, que também é a da Federação e do próprio estado. Eternizamos aqui, nesta edição, também um pouco de quem foi cada líder dessa trajetória. Além disso, apresentamos três joias da indústria cearense, justamente agraciadas com a Medalha do Mérito Industrial 2015 – os empresários Ivens Dias Branco Júnior, do Grupo M. Dias Branco; Pedro Lima, do Grupo 3 Corações; e Humberto Fontenele, ex-vice-presidente da FIEC. Temos muito o que contar e comemorar e você é nosso convidado.

Um forte abraço e boa leitura!

BETO STUDART

Diretoria Executiva



Alexandre Pereira

1º VICE-PRESIDENTE



Hélio Perdigão

VICE-PRESIDENTE



Roberto Sérgio

VICE-PRESIDENTE



Carlos Fujita

VICE-PRESIDENTE



Ricardo Cavalcante

DIRETOR ADMINISTRATIVO



Edgar Gadelha

DIRETOR FINANCEIRO



Marcus Venícius

DIRETOR ADM. ADJUNTO



Ricard Pereira

DIRETOR FIN. ADJUNTO



Roseane Medeiros



Marcos Soares



Marcos Albuquerque



Verônica Perdigão



Eugênio Pontes



Jaime Bellicanta



Elias do Carmo



Bessa Júnior



Chico Esteves



Carlos Rubens



Osterno Junior



Eulálio Costa



Lima Matos



Agostinho Alcântara



Mendes Aragão



Lauro Martins

Sumário

maio 2015



HUMBERTO FEIJÓ FONTENELE

42

A trajetória do ex vice-presidente da FIEC acompanhou o desenvolvimento da indústria cearense



FRANCISCO IVENS DE SÁ DIAS BRANCO JÚNIOR

54

O empresário está à frente do Grupo M. Dias Branco, o maior fabricante de massas e biscoitos da América Latina



PEDRO ALCÂNTARA REGO DE LIMA

66

Com inovação e ousadia, ele comanda o Grupo 3 Corações, líder nacional no mercado de café

AS ORIGENS DA INDUSTRIALIZAÇÃO NO CEARÁ

76

A industrialização do Ceará se confunde com a própria história do estado

OS PRESIDENTES DA FIEC

110

Conheça os líderes que comandaram a FIEC e suas contribuições





FOTOS DE CAPA: **GIOVANNI SANTOS (HUMBERTO FONTENELE), J.SOBRINHO (PEDRO LIMA) E JARBAS OLIVEIRA (IVENS JÚNIOR)**

COM A TECNOLOGIA E A DETERMINAÇÃO DAS PESSOAS, IMPULSIONAMOS A NOSSA INDÚSTRIA.

25 DE MAIO. DIA DA INDÚSTRIA.
HOMENAGEM DA CSP A TODOS QUE FORTALECEM O SETOR INDUSTRIAL CEARENSE.

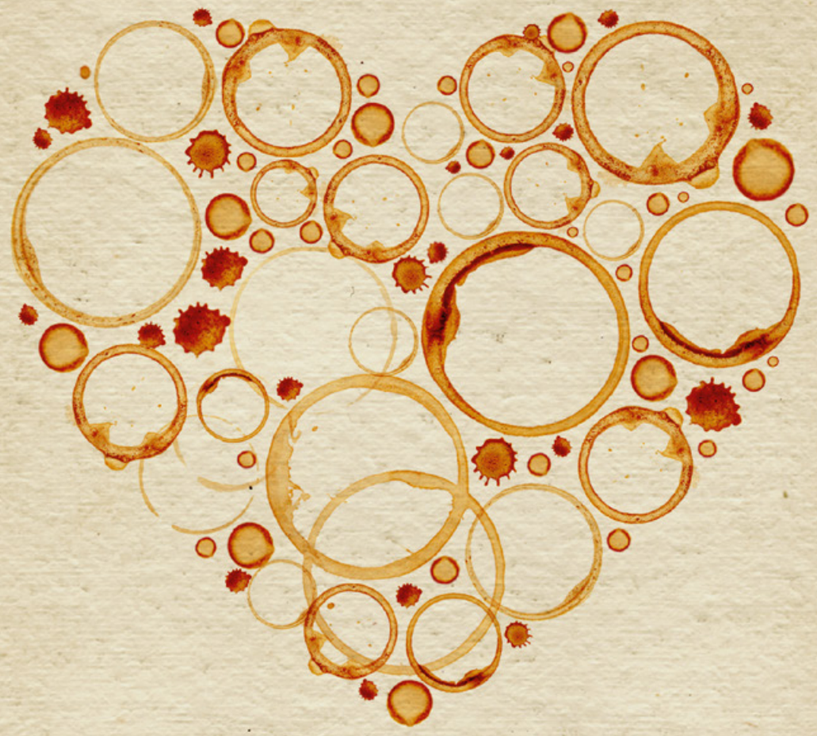
ipsilon



CSP Companhia Siderúrgica do Pecém

PARA CHEGAR A ESTE TAMANHO, CADA GRÃOZINHO DE DEDICAÇÃO E TRABALHO FEZ A DIFERENÇA.

GRUPO 3CORAÇÕES. A MAIOR EMPRESA DE CAFÉS DO BRASIL.



Líder no mercado de café torrado e moído.
Líder no mercado de cappuccinos.
Empresa que mais cresce na categoria de cápsulas e máquinas.

3corações

tres
#PRONTO
Pimpinela
Fino Grão
KIMIMO
Jelícia
FORT
Frisco
Café Itamaraty
Dona Clara

3CORACOES.COM.BR
/GRUPO3CORACOES

grupomarquise.com.br

UMA HISTÓRIA DE MUITAS CONQUISTAS E UM CAPÍTULO EM COMUM:

O COMPROMISSO COM O DESENVOLVIMENTO.



De um lado 40 anos do Grupo Marquise, do outro 65 anos da Federação das Indústrias do Estado do Ceará. Histórias marcadas pelo compromisso com o crescimento e o desenvolvimento das indústrias, das cidades e do país.

Sistema FIEC

GRUPO MARQUISE



CONHEÇA A MAIS NOVA EMPRESA DE **ALUGUEL DE VEÍCULOS** BLINDADOS COM **MOTORISTA.**









- FROTA NOVA COM BLINDAGEM CERTIFICADA E PELÍCULAS ESCURAS
- MOTORISTAS TREINADOS EM DIREÇÃO DEFENSIVA (bilíngue opcional)
- TRANSLADO PARA AEROPORTO, HOTEL, REUNIÕES, EVENTOS E CITY TOURS
- RECEPTIVO DE AUTORIDADES E EXECUTIVOS
- TRANSLADO PARA CASAMENTOS
- PARCERIA COM EMPRESAS DE SEGURANÇA E ESCOLTA ARMADA
- ATENDIMENTO 24h (via celular)

PACOTES ESPECIAIS PARA A SUA EMPRESA OU SINDICATO.
SOLICITE UMA PROPOSTA.



www.blindat.com.br

BLINDAT

TRANSPORTANDO SEU MAIOR PATRIMÔNIO, VOCÊ

Av. Dom Luis, 807, 21º andar, Etevaldo Nogueira Business, Meireles | Fortaleza - CE

(85) 3402-8605 | 9777-6563 | 9131-3548

contato@blindat.com.br

/blindatservicecar

criola

FORTALEZA MERECE ESSE PRESENTE

85 3241.5483

agraciosa.exclusividades

agraciosafortaleza

A GRACIOSA

NOVA ÁREA DO SHOPPING IGUATEMI



Camilo Santana, governador do Ceará



O Ceará tem o desafio permanente do desenvolvimento econômico. As consequências da desigualdade regional histórica – que só há bem pouco tempo começou a ser revertida por políticas públicas com foco social – e a imensa lacuna que, no passado, parcelas mais carentes da população tiveram que amargar nos impõem uma ação determinada e incansável na busca de melhores condições de vida para os cearenses.

Ao longo desta jornada, o Governo do Ceará, independentemente de quem ocupa o mandato de governador, tem contado com a parceria valiosa dos industriais. Reunidos numa das entidades de classe mais respeitadas da nossa sociedade – a Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC) – estes homens e mulheres têm atuado como desbravadores da industrialização do nosso estado.

Nestes 65 anos de sua atuação, a FIEC vem desempenhando um papel social de máxima relevância para a expansão do nosso PIB e uma consequente ampliação da nossa participação na produção nacional de riqueza. A indústria do Ceará gera emprego e renda. Transforma a vida de seus trabalhadores desde o chão de fábrica às funções de comando. Temos hoje, no nosso estado, um dos maiores empreendimentos industriais do país. A Companhia Siderúrgica do Pecém vem realizar um antigo sonho do cearense: ter indústria de ponta e intensiva de mão de obra.

A indústria transformadora, que abastece nosso mercado e ainda leva o nome do Ceará por meio de produtos que comercializa no comércio exterior, ultrapassa os limites do orgulho para garantir divisas e, com isso, um melhor patamar social e econômico. Todos nós sabemos da complexidade da missão de consolidar a indústria numa economia fortemente vocacionada para outras atividades como comércio e serviços. Também reconhecemos que, até o metade do século passado, dependíamos quase exclusivamente da agropecuária como atividade econômica.

Mas, se hoje, vivemos uma realidade de economia pujante muito se deve à sua diversidade, conquistada, em grande medida, pela coragem de trazer a indústria para o Ceará e, aqui neste estado, consolidá-la. Este mérito pode ser atribuído à FIEC. Parabéns pelos 65 anos!



No alvorecer da segunda metade do século vinte nascia em Fortaleza uma organização que seria protagonista de grande parte das transformações socioeconômicas experimentadas por aqueles que viriam a integrar, ao longo dos anos seguintes, o universo empreendedor cearense. Conduzida por líderes comprometidos com a consolidação de um estado economicamente forte e socialmente justo, a Federação das Indústrias do Estado do Ceará -FIEC, se fez instrumento do processo de desenvolvimento vivenciado por todos os cidadãos que ousaram investir suor e sonhos na terra da luz. Waldyr Diogo de Siqueira, Thomás Pompeu de Sousa Brasil Netto, José Raimundo Gondim, Francisco José Andrade de Silveira, José Flávio Costa Lima, Luiz Esteves Neto, Fernando Cirino Gurgel, Jorge Parente, Roberto Proença de Macêdo, e, agora, Carlos Alberto Studart Gomes, densos de ideias, ideais e labor, conduziram, deram credibilidade e legitimaram a existência da federação. E, neste momento de festa, a entidade mãe de todas as organizações representativas da classe empresarial do nosso estado, a sesquicentenária Associação Comercial do Ceará -ACC, se solidariza aos empreendedores cearenses no aplauso pelos 65 anos da FIEC.

2.

João Porto Guimarães, presidente da Associação Comercial do Ceará (ACC)

3.

Chiquinho Feitosa, presidente da Federação dos Transportes – CEPIMAR e SEST SENAT



A Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC) contribui de maneira incontestável para o desenvolvimento do estado, graças à sua forte atuação junto ao setor produtivo e ao poder público, sendo a representante maior da indústria no Ceará. Além disso, a entidade tem papel de destaque para os sindicatos e empresas cujos interesses ela defende. Tenho certeza que o diálogo constante da FIEC com o Governo, os sindicatos, os trabalhadores e a sociedade em geral fortalecem ainda mais a indústria e destacam a missão louvável da entidade na luta pelo crescimento do Ceará. Pelo orgulho de acompanhar o trabalho da FIEC, desejo cada vez mais sucesso e vida longa à Federação!

4.

Freitas Cordeiro, presidente da Federação das Câmaras de Dirigentes Lojistas – FCDL do Ceará



FIEC, Parabéns! Para o comércio é uma honra participar desse momento histórico da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC). São 65 anos de atuação com boas práticas e ações de sucesso, através de grandes projetos socioeducativos e sustentáveis, que beneficiam diretamente o setor industrial e contribuem para o desenvolvimento econômico do nosso Estado.



5.

Flávio Viriato de Saboya Neto, presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Ceará – FAEC

A Federação das Indústrias do Estado do Ceará é uma instituição das mais dignas deste estado, no seu mister da defesa dos interesses dos industriais cearenses, não só no que concerne ao apoio que empresta às suas respectivas empresas, como pela cortesia e lealdade com que as trata, no decorrer do exercício de suas atribuições, cumprindo, fielmente, os seus dispositivos estatutários. Trata-se, portanto, de uma instituição das mais destacadas entre as demais entidades de defesa de classes. Queremos, pois, emprestar à briosa Federação, nossa coirmã, os nossos mais sinceros cumprimentos, augurando um futuro brilhante no seu valoroso desempenho.

Francisco de Assis Barreto de Sousa, presidente da Federação das Associações do Comércio, Indústria, Serviços e Agropecuária do Ceará – FACIC

6.

Entidade criada em 12 de maio de 1950 que, ao longo de sua brilhante trajetória de vida em prol da indústria cearense, extrapolou seu campo de ação e se tornou um dos principais pilares do desenvolvimento do Ceará. Ao longo da história, seus dirigentes se destacaram pela participação nas discussões econômicas, políticas e sociais. Nossas entidades --FACIC e FIEC-- nas décadas de 1970 e 1980, durante as gestões do então presidente e Deputado Federal, José Flávio Costa Lima, frequentador assíduo das reuniões das quintas-feiras promovidas pela FACIC, cujas sugestões, ponderações eram sempre objetivas, visando o bem comum de nossa região. Ali, nasceu a semente de construção de sua sede da Barão de Studart, onde hoje funciona no prédio que leva seu nome, todo o Sistema FIEC. Até então éramos vizinhos. A FIEC funcionava à Rua Major Facundo, e a FACIC na antiga Praça Carolina, hoje Largo da Assembleia, no Palácio do Comércio. O presidente que o sucedeu, Luiz Esteves Neto (1986-1992) inaugurou a sonhada sede própria em setembro de 1989. Nós, que fazemos a FACIC, nos orgulhamos de termos o presidente Luiz Esteves fazendo parte de nossa diretoria executiva no período de 2000 a 2004.



7.



Severino Ramalho Neto, presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas – CDL de Fortaleza

A Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC) é uma importante parceira do comércio. Todos que fizeram acento nesta casa, como presidentes, colaboraram de forma significativa e sustentável para o desenvolvimento industrial do Ceará. São 65 anos aprimorando ações com foco na educação, inovação e na competitividade. Hoje, a FIEC pelo seu papel de transformar, capacitar e descobrir talentos é uma entidade representativa e comprometida com o crescimento do nosso estado. Parabéns!

8.



Henry de Holanda Campos, reitor da Universidade Federal do Ceará, em exercício

Em 65 anos, a FIEC sempre se revelou um dos principais protagonistas no esforço de modernização do estado do Ceará. Foi graças à atuação de seus sucessivos presidentes – uma brilhante galeria de grandes lideranças empresariais – aliada ao empreendedorismo e espírito inovador de seus filiados, que o Ceará erigiu nas últimas décadas um parque industrial, determinando salutar reordenamento de sua economia. Com as indústrias, em permanente processo de modernização, instalou-se uma nova dinâmica, fazendo com que o nosso estado superasse o quadro secular de letargia passando a registrar taxas de crescimento superiores às da economia brasileira como um todo.
A Universidade Federal do Ceará, instalada há 60 anos, é contemporânea e partícipe dessa mudança na estrutura produtiva, razão pela qual, em diferentes ocasiões, tornou-se aliada natural da FIEC, oferecendo a contribuição que lhe cabe como instituição dedicada à produção e difusão do conhecimento. Iniciativas de ambas as partes sempre objetivaram promover a interação entre indústrias e o meio acadêmico, de modo que os benefícios se distribuam não apenas em favor das empresas e da Universidade, mas também do povo cearense. No 65º aniversário da FIEC, externamos nossa admiração pelo histórico papel que essa Federação desempenha no Ceará, aglutinando forças com um grande potencial transformador e direcionando suas energias para a construção de uma sociedade moderna e próspera.

Roberto Cláudio, prefeito de Fortaleza



9.

Ao longo dos seus 65 anos de atuação, a FIEC vem oferecendo uma grande contribuição para o desenvolvimento econômico do nosso estado, na medida em que congrega, estimula e fomenta o setor produtivo, gerando oportunidades de negócios e de emprego. É preciso reconhecer, também, a enorme contribuição que a FIEC vem prestando na discussão dos temas de interesse da sociedade cearense e na solução para questões econômicas e sociais que tanto nos afligem. A FIEC, portanto, há tempos extrapolou sua primária atuação de entidade representativa para se transformar em uma instituição que ajuda na construção de um Ceará mais desenvolvido e mais justo.

Iracema Vale, desembargadora presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará -TJCE

A FIEC representa um dos setores mais importantes da economia cearense. Isso, por si, já demonstra o tamanho da instituição num estado pobre como o nosso. Mas a entidade vai além. Ao invés de apenas assistir aos acontecimentos, participa deles. Pauta discussões, propõe medidas, reivindica direitos. Não espera acontecer. Coloca-se como protagonista e parceira da sociedade. Porque sabe que um Ceará maior e melhor significa uma economia mais forte, com indústria e comércio em atividade plena. Os 65 anos da FIEC são um tempo de aprendizado e crescimento. Para todos. E assim será enquanto a Federação existir.

10.





Ao longo destes 65 anos, a Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC) vem exercendo seu papel de entidade da sociedade civil que contribui com o desenvolvimento socioeconômico do Ceará, tanto lutando pelo crescimento e modernização do setor industrial como pela ampliação da cidadania.

11.

Joaquim Cartaxo, superintendente do SEBRAE Ceará

A entidade tem sido voz importante em prol do desenvolvimento sustentável do estado e parceiro de primeira hora do SEBRAE na realização de ações e projetos que objetivam gerar diferenciais competitivos para as micro e pequenas empresas do setor, por meio da excelência em gestão, inovação e do acesso a mercados.

12.



Luiz Gastão, presidente do Sistema Fecomércio

A FIEC, nos seus 65 anos de existência, tem cumprido um papel de extrema relevância para o estado. Primeiramente no aspecto da representatividade, pois vem desempenhando uma valorosa missão de liderar os sindicatos que, juntamente com as milhares de empresas do setor, vem contribuindo para o desenvolvimento industrial e, por que não dizer, econômico do Ceará. A FIEC também possui a atribuição de administrar o SESI e o SENAI, duas instituições do Sistema S brasileiro que comprovadamente têm contribuído com a promoção social e com a qualificação profissional de milhares de pessoas nessas mais de seis décadas de atuação. Registro, portanto, a minha homenagem à FIEC, em nome da sua diretoria e do seu presidente Beto Studart, por essa marca conquistada, o que só valoriza o setor produtivo como um todo que tanto gera emprego e renda, responsável, em última instância, pela produção de riqueza em nosso estado e país.

13.

Robson Braga de Andrade, presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI)



Importante representante do setor produtivo, a Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC) é uma das protagonistas do desenvolvimento da Região Nordeste. O compromisso da FIEC de servir à indústria e o trabalho de articulação com empresários, poder público e instituições de fomento são decisivos na transformação da economia cearense, integrando o estado ao mundo.

Hoje, a indústria é responsável por 21,4% do Produto Interno Bruto do Ceará e emprega mais de 400 mil pessoas. Entre as ações da federação, destacam-se o estímulo à expansão de polos fabris no interior e o apoio às micro e pequenas empresas, que geram postos de trabalho e renda nas comunidades.

Outra iniciativa fundamental é a organização de missões para a prospecção de mercados no exterior e a realização de encontros de negócios com estrangeiros. Isso incentiva a internacionalização das empresas e o aumento das exportações do estado.

O SENAI do Ceará já qualificou mais de 1,5 milhão de trabalhadores, contribuindo com o surgimento de uma força de trabalho mais produtiva e com a consolidação de um futuro melhor para os jovens. Além disso, SENAI e SESI formam parcerias com instituições públicas e privadas para promover a competitividade, a inovação e a melhora do padrão de vida dos cearenses.

Em seus 65 anos de produtiva existência, a FIEC tem atuado com a Confederação Nacional da Indústria (CNI) e com as demais entidades do Sistema Indústria para impulsionar a economia rumo ao crescimento vigoroso e sustentado. Parabéns aos companheiros da federação e à sua Diretoria, que têm à frente o competente Jorge Alberto Vieira Studart Gomes. Juntos, continuaremos a trabalhar em prol do pleno desenvolvimento do Brasil.

14.



Fátima Maria Fernandes Veras, reitora da Universidade de Fortaleza

Embora represente o setor industrial, a FIEC tem uma ligação muito forte com a academia. Nós da Unifor temos uma parceria antiga e muito sólida no sentido de colaborar com o papel maior da Federação, que é o crescimento da indústria do Ceará. A FIEC está atenta não só às grandes indústrias, como também às pequenas e ainda às empresas com capacidade de inovação. Temos caminhado com objetivos muito semelhantes, cada um com o seu papel, fomentando o crescimento do estado, provendo recursos humanos de qualidade, criando estruturas de inovação provenientes da pesquisa realizada na Universidade e estimulando o empreendedorismo. A questão da responsabilidade social, tão valorosa para nós, também é motivo para que nossa parceria seja cada dia mais fortalecida e possa contribuir para o desenvolvimento do país.

15.



Honório Pinheiro, presidente da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas – CNDL

Falar da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC) é fazer referência a um setor que está enraizado na minha própria história, há 24 anos, com o início do Pinheiro Supermercado. E, ao longo desses anos, venho acompanhando cada vez mais de perto o trabalho comprometido da instituição, que tem servido, inclusive, como uma forte inspiração nas minhas atuações frente às entidades de classe como a Federação das Câmaras de Dirigentes Lojistas do Ceará - FCDL/CE, Academia Cearense de Administração - ACAD, Conselho Estadual de Desenvolvimento Econômico CEDE e, hoje, na presidência da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas -CNDL. A influência e o exemplo da FIEC, no entanto, vão além do seu papel como entidade classista. Pelo viés econômico, são muitas as colaborações que poderíamos elencar advindas de suas gestões eficientes e empenhadas com o desenvolvimento do setor industrial, com a oferta de trabalho, bem-estar da comunidade e conscientes do papel social, atributos que muito me animam como empresário. O que posso dizer e desejar nesses 65 anos da FIEC? Que ela continue sendo esse braço forte, coeso e representativo na indústria.

16.



Valdetário Andrade Monteiro, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB-CE

Chegar aos 65 anos de atuação representa a consolidação de uma política voltada para o fomento da economia local e o desenvolvimento de todo o Ceará. A OAB-CE entende que o trabalho desempenhado pela FIEC é um exemplo que serve de inspiração para que outras instituições possam, também, definir projetos compartilhados, sempre buscando o desenvolvimento econômico aliado às conquistas sociais. Ao analisar o trabalho desenvolvido pela FIEC ao longo desses anos, pode-se compreender que o diálogo permanente com diversos setores da economia foi fundamental para se concretizar novas conquistas.

www.grupoacocearense.com.br

UM AMPLO MIX DE PRODUTOS
PARA VOCÊ TER MAIS QUALIDADE
E SEGURANÇA NAS SUAS OBRAS.



O Grupo Aço Cearense tem as melhores soluções para a sua obra, como vergalhões, tubos, treliças, arames e telas, além de uma linha especial em inox. Com a credibilidade, qualidade e segurança de quem entrega para milhares de clientes espalhados por todo o Brasil, o Grupo Aço Cearense se tornou o grande parceiro dos profissionais de construção.

GRUPO AÇO CEARENSE

Jacessol

SINDICATO
DAS INDUSTRIAS
DE MÁRMORES
E GRANITOS
DO ESTADO DO CEARÁ

FIEC
SESI
SENAI
IEL

FIEC

Federação das Indústrias do Estado do Ceará

O crescimento sustentável requer o fortalecimento de parcerias de sucesso

O SIMAGRAN parabeniza a FIEC por seus 65 anos de trabalho no Ceará

Av. Barão de Studart, 1980 - 3º andar - Aldeota - (85) 3224.4446 Fax: (85) 3224.4384 - simagran@sfiec.org.br

PENSANDO EM INOVAR
A GESTÃO DA SUA EMPRESA?
DEIXE A TOTVS
PENSAR COM VOCÊ.

TRANSFORME O SEU NEGÓCIO COM O SOFTWARE DE GESTÃO DA TOTVS.

A TOTVS existe para tornar a sua instituição ainda mais competitiva. Para isso, você precisa de soluções simples e inovadoras em tecnologia. A TOTVS desenvolve software de gestão para facilitar o seu dia a dia e para, junto com você, tornar o seu negócio mais ágil, conectado e produtivo.

Deixe a TOTVS pensar com você. Ligue pra gente. **PENSANDO JUNTOS, FAZEMOS MELHOR.**

UNIDADE CEARÁ
E VALE DO SÃO FRANCISCO: **(85) 3304 9000**

www.totvs.com

TOTVS
THINK TOGETHER

FIEC SESI SENAI IEL

FIEC

Federação das Indústrias do Estado do Ceará

Nossos parabéns especiais à FIEC por seus 65 anos de solidez, seriedade e respeito, trabalhando com as Indústrias Cearenses.

SINDÓLEO
SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE EXTRAÇÃO DE ÓLEOS VEGETAIS E ANIMAIS NO ESTADO DO CEARÁ

Av. Barão de Studart, 1980 – Aldeota
3º andar - (85) 3421-5462
sindoleos@sfiec.org.br

SINDALGODÃO

Av. Barão de Studart, 1980, 3º andar – Aldeota
85 3421.5462 / 3421.0548
sindalgodao@sfiec.org.br

ATG global member

VIAJAR A NEGÓCIOS MUDOU PARA MELHOR.

Com 28 anos de experiência, a Casablanca Turismo tornou-se uma empresa global, membro **ATG**, seleto grupo de empresas internacionais presente em mais de 56 países. Conte com excelência e credibilidade, compartilhamento de know-how, experiências e tecnologia.

Tenha em sua empresa uma gestão de viagem inteligente e garanta redução de despesas de viagens, com mais segurança e conforto. Viaje com a Casablanca Turismo.

POLÍTICA DE VIAGENS
CONSULTORIA ESPECIALIZADA
NEGOCIAÇÃO COM FORNECEDORES
RELATÓRIOS PERSONALIZADOS
SELF-BOOKING E SELF-TICKETING
SISTEMA WEBSERVICE
TREINAMENTOS EM GESTÃO
SALAS VIP EM AEORPORTOS

SAIBA TAMBÉM SOBRE
MISSÕES EMPRESARIAIS
E **VIAGENS DE INCENTIVO**

85 3466.6000

GRUPOCASABLANCATURISMO.COM.BR

Casablanca TURISMO

/mblempresas

O dia a dia de uma empresa é repleto de desafios. Que tal transformar cada um deles em oportunidade de negócio?

A MBL tem experiência e credibilidade para impulsionar o crescimento da sua empresa. Ensinando caminhos, diagnosticando problemas e acompanhando o seu dia a dia, a MBL oferece uma variedade de serviços para sua empresa ganhar tempo, reduzir custos e multiplicar resultados. Tudo isso direcionado ao seu plano de negócios e às suas necessidades. **Então, pronto para ver sua empresa crescer?**



Gestão Imobiliária | Prevenção Legal | Gestão de Ativos | Recuperação de Crédito | Gestão de Projetos para o Terceiro Setor

Telefone: (85) 3264.0088
www.mblempresas.com
Av. Dom Luis, 300 - L2, conj. 226

MBL ASSESSORIA EMPRESARIAL

Passado e presente pela indústria

HUMBERTO FEIJÓ FONTENELE, 85 ANOS, É TESTEMUNHA VIVA DO DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DO CEARÁ. COM SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL LIGADA À EXPORTAÇÃO DE CASTANHA DE CAJU, COMEÇADA AINDA COM SEU PAI, ATUOU TAMBÉM NAS ÁREAS AGRÍCOLA, COURO, MADEIRA, DA CONSTRUÇÃO CIVIL, DE SERVIÇOS, ENTRE OUTROS. UM EMPRESÁRIO EXPERIENTE, QUE SE DESTACOU TAMBÉM EM ATIVIDADES CLASSISTAS, SINDICAIS E CONSULARES, COM MUITAS MEMÓRIAS A DIVIDIR.

POR **ANA MARY CAVALCANTE**
FOTOS **GIOVANNI SANTOS**

HUMBERTO FEIJÓ FONTENELE, 85 ANOS, FOI VICE-PRESIDENTE DA FIEC.

O empresário Humberto Feijó Fontenele chega para a entrevista, na desativada indústria de beneficiamento de castanhas de caju Irmãos Fontenele S/A, como se aportasse nos velhos – e bons – tempos. Segue à risca uma pontualidade e uma elegância que já não são tão comuns neste século desregrado.

É um senhor que vem dos anos 30 e que mantém o antigamente em par com os móveis de madeira maciça e as poltronas de couro que suspendem as horas no escritório. Cumprimenta todos com um aperto sincero de mão e, antes de qualquer pergunta, pede licença para colocar a gravata. Aos 85 anos, está pronto para mais um dia.

Humberto Fontenele – que, a partir da década de 1950, conduziu uma das frentes de industrialização do caju no Ceará – se recusa a parar. "Uma das piores coisas do mundo é você se aposentar e nada fazer; venho para cá", diz sobre a rotina. "Passo o dia entre meus afazeres: compromissos e leituras", completa, folheando a Agenda Comercial de 2015 – da qual, dona Vera, a fiel secretária, cuida há 22 anos. "A essa altura (metade da manhã), já ouvi noticiários do Rio de Janeiro, de São Paulo, já li um jornal em casa, o outro está aqui (na pasta)...", une à pilha de *best-sellers* sobre saúde, filosofia, economia ao lado da mesa do escritório.

A conversa é interrompida pela visita do neto caçula, Rafael, que trouxe um presente e um canto de "Parabéns pra você". Sob protestos, brinca o industrial, o avô de Rafael completara 85 anos no último dia 9 de abril. "Não gosto nem de falar da idade, mas é o jeito!". Falar da idade é falar também do tempo em que não houve mais o pai, é prestar contas com as saudades.

Humberto Fontenele tinha 19 anos quando o pai, Florêncio Batista Fontenele, morreu em um acidente de carro. "A convivência com meu pai foi muito pouca... Quando o perdi, fazia a ideia, no sentido figurado, de um guia de cego. No interior, é comum que um sujeito vá na frente, e o de trás, que é cego, o seguia. Então, é como se meu pai fosse meu guia e tivesse desaparecido. Quando ele era vivo, ia à frente... Mas o pouco tempo dele foi o suficiente para me ensinar a responsabilidade", refaz.

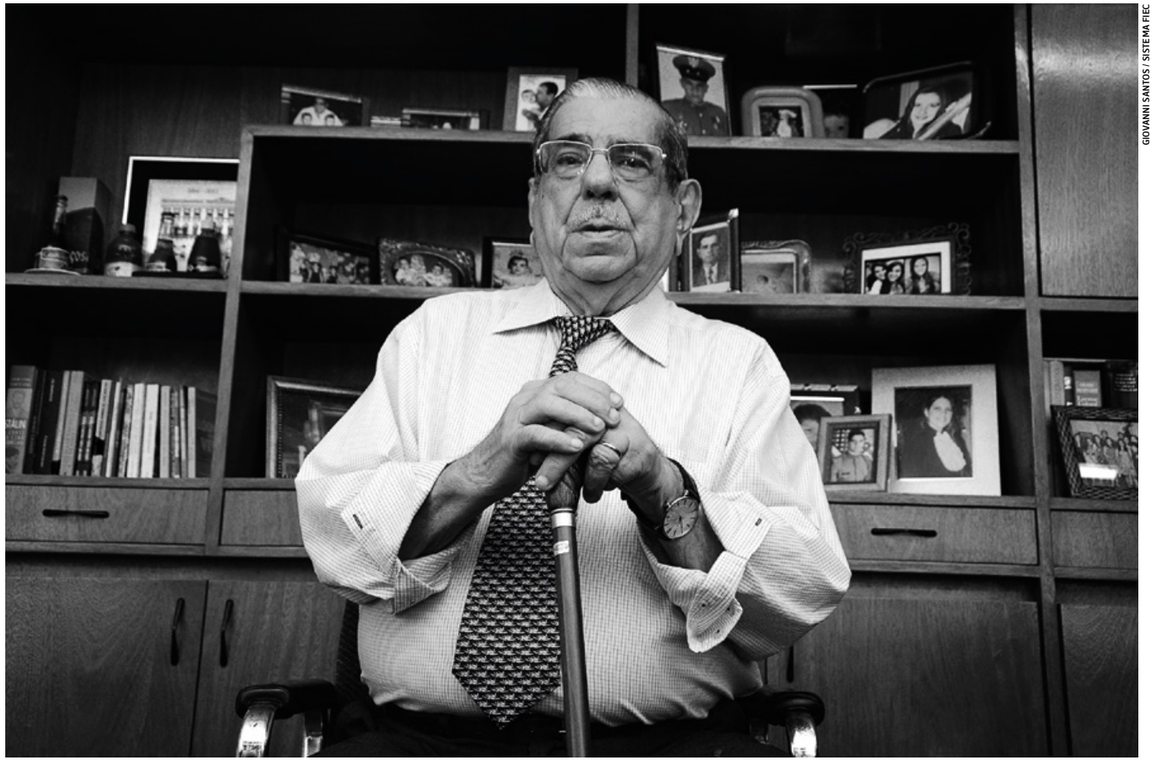
A perda prematura do pai, um exportador em plena forma aos 50 anos de idade, é o ponto de partida e de chegada das memórias do empresário Humberto Fontenele: "Minha atividade vem porque meu pai era comerciante, no Interior, em Martinópole (334 quilômetros de Fortaleza). Ele era de origem de uma família que gostava muito de ler, a família Fontenele, foi eleito prefeito e foi quem elevou o nome da cidade para Martinópole (em homenagem a Monsenhor Martins, influente na região)".

O grupo industrial familiar tem raízes nesse cenário, em 1922, quando, aos 21 anos, o senhor Florêncio inaugurava uma Casa Comercial que levaria seu nome e seus ensinamentos pelo século adiante. Os negócios se resumiam à compra e venda de tecidos e de gêneros de exportação: cera de carnaúba, peles de cabras e carneiros e couro de boi, além de óleos de mamona e de oiticica, que escoavam pelo porto de Camocim (a 379 quilômetros da capital). Isso, no tempo em que os meios de comunicação eram apenas os correios e telégrafos "e os transportes eram feitos em trens, afora os animais, tipo cavalos", recorda Humberto.

"As cidades que abasteciam eram Massapê, Sobral e Fortaleza", segue o passeio pelo tempo. "Meu pai comprava os tecidos em Sobral, Massapê ou Fortaleza e os revendia. E os gêneros de exportação, ele já começava a agenciar. Agenciava para clientes como a firma P. Machado, que vendia algodão (e para outras grandes empresas da época, como Boris e Mirtil)."

Em 1934, o comerciante, já pai de família – Florêncio teve seis filhos com a senhora Maria de Nazaré Feijó Fontenele –, decide migrar para a capital. Desejava tanto uma melhor educação para os filhos quanto o desenvolvimento dos negócios. Estabeleceu a firma na esquina da rua José Avelino com a avenida Alberto Nepomuceno, meio caminho andado para o Porto do Mucuripe. "Ali, ele cortou a atividade de tecidos e ficou só com artigos de exportação", demarca Humberto Fontenele.

"Meu pai comprava os tecidos em Sobral, Massapê ou Fortaleza e os revendia. E os gêneros de exportação, ele já começava a agenciar."



GIOVANNI SANTOS / SISTEMA FIEC

O EMPRESÁRIO QUE CONDUZIU, NA DÉCADA DE 50, UMA DAS FRENTES DE INDUSTRIALIZAÇÃO DO CAJU NO CEARÁ, SE RECUSA A PARAR. DIARIAMENTE, AINDA DÁ EXPEDIENTE NO ESCRITÓRIO DA DESATIVADA INDÚSTRIA IRMÃOS FONTENELE S/A

“A Medalha do Mérito Industrial é uma espécie de reconhecimento pelo meu passado agronômico, agrícola, comercial, industrial, meu passado em termos de serviços. É um reconhecimento daquilo que fiz. Fiz a minha parte.”

A morte atravessou a estrada em 1950. No lugar do pai, ficam os filhos Humberto e Álvaro e a matriarca, Maria de Nazaré Fontenele, gerenciando a ampliação dos negócios iniciais, com a nova empresa: Irmãos Fontenele & Cia (de 1951 e que passou a Irmãos Fontenele S/A - IFSA, em 1955, “com suas próprias exportações”).

O senhor Florêncio havia deixado um legado de conhecimento, diálogo e responsabilidade, suficiente para que os filhos crescessem na vida e nos negócios. “Quando papai morreu, fui às empresas com as quais ele transacionava e, onde eu chegava, encontrava elogios às atitudes dele. Ele tinha um conceito muito alto em relação às comunicações com as pessoas, além da enorme inteligência. Não havia débitos a serem quitados”, restaura Humberto.

O herdeiro assumiu o futuro aos 19 anos. E, entre as décadas de 1960 e 1980, incorporou a industrialização, a agricultura (chegou a ter fazendas, no interior do Piauí, com mais de 21 mil hectares de cajueiros plantados) e os serviços aos negócios. Em 1972, por exemplo, novos armazéns foram anexados ao antigo prédio da IFSA, que exportava cera de carnaúba industrializada e peles e couros *in natura*. Com o progresso de Fortaleza, a Prefeitura desapropria a IFSA e os irmãos Fontenele investem o montante da desapropriação na construção da fábrica de castanha de caju e LCC (líquido da casca da castanha de caju), no bairro Messejana, que chegou a empregar duas mil pessoas entre as décadas de 1970 e 1980.

Outras empresas do grupo foram criadas para o beneficiamento do couro, como Curcel (Curtidos do Ceará LTDA, de 1981) e Grandes Curtumes Cearenses S/A (cujo controle acionário foi assumido em 1983). O Grupo Humberto Fontenele atuou ainda no comércio exterior (com a Intermaris World Trade S/A), na construção civil (com a Construtora e Imobiliária Prisma LTDA) e no comércio de madeira (com a Madeireira Santa Terezinha LTDA).

“Fui um industrial que começou como comerciante. Naquele tempo, no Ceará, as atividades eram mais comerciais. As indústrias vieram depois, e os serviços, também”, dispôs-se. Humberto Fontenele conta ainda que criou “o primeiro apart-hotel do Ceará, o Metropolitan (Residence Service, de 1977). Estive nos quatro estágios: agricultura, comércio, indústria e serviços”.

No meio desta conversa que ciranda com as memórias, no antigo escritório, ele avista a carnaúba que a primeira esposa plantou, em 1972, na sede da Indústria de Beneficiamento de Castanha de Caju e LCC. Tão resistente quanto a carnaubeira que adorna a entrada da fábrica desativada, Humberto Fontenele se desdobrou também em atividades classistas, sindicais e consulares. No currículo que entrega à reportagem, estão assinaladas atuações como vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (de 1983 a 2002), presidente da Associação Comercial do Ceará (em 1984 e 1986) e presidente do Sindicato das Indústrias de Açúcares e de Doces e Conservas Alimentícias do Estado do Ceará.

“A Medalha do Mérito Industrial é uma espécie de reconhecimento pelo meu passado agronômico, agrícola, comercial, industrial, meu passado em termos de serviços. É um reconhecimento daquilo que fiz. Fiz a minha parte”, soma ao presente. Dona Vera, a fiel secretária que seu Humberto trouxe da esteira de beneficiamento da castanha, confirma a disposição e a vontade dele em continuar vivendo os negócios: “Ele vem todos os dias... Na Quinta-Feira Santa (em abril passado), saiu daqui às 5 horas da tarde!” ■

HÁ 65 ANOS A FIEC ESTÁ PRESENTE
NA VIDA DE TODOS OS CEARENSES

FIEC SESI SENAI IEL
FIEC
Federação das Indústrias do Estado do Ceará

A Fiec é uma Instituição que trabalha em prol do crescimento da Indústria e da qualidade de vida dos cearenses. O aperfeiçoamento e a capacitação profissional para o setor são os principais resultados deste tão importante trabalho.



QUANDO A INDÚSTRIA CRESCE O
NOSSO ESTADO TAMBÉM CRESCE.

Nosso reconhecimento aos importantes serviços prestados por esta Entidade a Indústria Cearense.

20 ANOS
CASTELO BORGES LTDA

Vigilância | Terceirização de Mão-de-obra
Administração de Condomínios

(85) 3261-5068
www.casteloborges.com.br

É com grande alegria que a equipe do Sindbebidas ergue um brinde aos 65 anos da FIEC e aos homenageados com a Medalha de Mérito Indústrial os senhores Humberto Fontenele, Ivens Dias Branco Júnior e Pedro Lima.

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE ÁGUAS, CERVEJAS E BEBIDAS EM GERAL DO ESTADO DO CEARÁ

SINDBEBIDAS

FIEC

Federação das Indústrias do Estado do Ceará

FUNDADO EM 1972

Av. Barão de Studart, 1980- 3º andar - (85) 3268-1027 / 3421.1005

FIEC SESI SENAI IEL

FIEC

Federação das Indústrias do Estado do Ceará





65 anos
fazendo a diferença

O SINDIBRITA PARABENIZA A FIEC PELOS SEU 65 ANOS INOVANDO E PROMOVENDO O DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA NO CEARÁ. TEMOS ORGULHO DE FAZER PARTE DESTE TIME.

SINDIBRITA

Av. Barão de Studart, Nº.1980 - 3º andar - Aldeota - (85) 3244.6476

FORA DA CAIXA

UM BRINDE ESPECIAL A UMA DATA ESPECIAL

O Sindcafé presta sua homenagem ao Sistema FIEC em seus 65 anos.

Uma data que reforça a importância de um trabalho realizado com muita competência, esforço e dedicação em busca do crescimento da Indústria Cearense.

65 anos

FIEC SESI SENAI IEL

FIEC

Federação das Indústrias do Estado do Ceará

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ NO ESTADO DO CEARÁ - 1958

Av. Barão de Studart, 1980 - 4º andar
Aldeota - (85) 85 3261 9182
sindcafe@sfiec.org.br

FORA DA CAIXA

65 anos fazendo a diferença na história do Ceará.

FIEC SESI SENAI IEL

FIEC

Federação das Indústrias do Estado do Ceará

O Sindcalf reconhece a importância de ter essa parceria, que sempre faz a diferença para o crescimento do setor.

Sindcalf

Sindicato da Indústria de Calçados de Fortaleza

Av. Barão de Studart, 1980, 3º andar - Aldeota
(85) 3261.2250 - www.sindcalf.org.br



CERÂMICA VERMELHA
QUEM TEM MORA BEM

Cerâmica vermelha é muito melhor
que os blocos de cimento. É sustentável,
esquenta menos e isola o barulho e a umidade.
Exija cerâmica vermelha no seu imóvel.



SINDCERÂMICA
ESTADO DO CEARÁ
(85) 3261-6589 - 3466-5462

INOVAÇÃO, LIDERANÇA E SUCESSO

Em 65 anos de trabalho, a FIEC é responsável por uma enorme parcela do crescimento e qualidade conquistados pelas Indústrias Cearenses.



FOTO DA CAPA

FIEC SESI SENAI IEL
FIEC
Federação das Indústrias do Estado do Ceará

ESTAMOS JUNTOS NESTE OBJETIVO.
PARABÉNS FIEC POR SEUS 65 ANOS.

SindiAlimentos
Sindicato das Indústrias da Alimentação e
Rações Balanceadas no Estado do Ceará

Avenida Barão de Studart, 1980 • Aldeota • (85) 32617159 • E-mail: sindialimentos@sfiec.org.br

Devoção ao trabalho

ANTES DE ASSUMIR A DIREÇÃO DO GRUPO M. DIAS BRANCO, O MAIOR FABRICANTE DE MASSAS E BISCOITOS DA AMÉRICA LATINA, FRANCISCO IVENS DE SÁ DIAS BRANCO JÚNIOR, 54 ANOS, TRABALHOU 37 ANOS NA EMPRESA, DESDE O CHÃO DE FÁBRICA ATÉ OS CARGOS DE GESTÃO. COM FOCO NO PROFISSIONALISMO E APRENDENDO COM A PACIÊNCIA, ASSUMIU O LUGAR DO PAI PARA COMANDAR UM GRUPO COMPOSTO POR 14 FÁBRICAS E 13 UNIDADES DE COMERCIALIZAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO E, QUE, ALÉM DE ALIMENTOS, TAMBÉM ATUA NAS ÁREAS DA CONSTRUÇÃO CIVIL, HOTELARIA, INFRAESTRUTURA E CIMENTEIRA.

POR **ANA MARY CAVALCANTE**
FOTOS **JARBAS OLIVEIRA**

FRANCISCO IVENS DE SÁ DIAS BRANCO JÚNIOR, 54 ANOS, É DIRETOR PRESIDENTE DO GRUPO M. DIAS BRANCO.

As indústrias do pai – especialmente, a Fábrica Fortaleza e a Glacê, situadas na rua João Cordeiro, em Fortaleza – eram o quintal das férias para o filho primogênito, Francisco Ivens de Sá Dias Branco Júnior. "O movimento rítmico dos componentes das máquinas, o barulho que faziam suas engrenagens e peças" enchiam os olhos e a imaginação de menino. "Eu ficava simplesmente fascinado com o cenário... A atividade de operários e técnicos e toda uma sequência de passos que não admitiam erros e que terminava com os produtos nas suas embalagens coloridas. Essa foi, sem dúvida, a fonte do meu interesse pela indústria", conta Ivens Júnior.

O interesse e o fascínio pela indústria estão no sangue da família, desde o avô paterno. Foi o português Manuel Dias Branco (1904-1995) quem iniciou esta história, em 1927, na pequena cidade de Cedro (Centro-Sul do Ceará, a 408 quilômetros de Fortaleza), onde implantou os primeiros negócios. Até chegar à geração de Ivens Jr., 54 anos, atual diretor-presidente do Grupo M. Dias Branco, passaram-se décadas de travessias e conquistas."Com o tempo, entendi que, por trás daquela atividade fabril estava uma organização empresarial complexa e muito bem preparada, constituída de executivos e técnicos em constante aperfeiçoamento. É evidente que meu pai e seu grande esforço tornam-se símbolo daquilo tudo para mim. E comecei a seguir seus passos", une Ivens Jr.

A família Dias Branco chegou a Fortaleza em 1936. À frente – também do tempo, – Manuel Dias Branco instala a Padaria Imperial na avenida Visconde do Rio Branco e já se preocupa com a modernização da empresa, incorporando máquinas na produção do macarrão.

Os anos 40 são marcados pela expansão dos negócios, a partir de uma sociedade de Manuel com os irmãos José e Orlando, e vão levar à fundação da Fábrica Fortaleza (década de 1950) – com "fornos de última geração, para a produção de biscoitos e massas alimentícias, cujo maior destaque é a bolacha Pepita (criada em 1954 e que inovava na receita com a inclusão de mel de abelha nos ingredientes)", traça o *site* do Grupo M. Dias Branco. Novas máquinas e fornos, além da primeira expansão da Fábrica Fortaleza, em 1967, incrementam a produção e lançam produtos, como a linha Extra-Fina, no mercado.

Neste passo acelerado em direção à modernização e estratégia de *marketing*, os negócios alcançam a liderança no Nordeste ainda na década de 1970. A linha Richester de produtos finos nasce nesta época, bem como "entra em operação o forno Baker Parkins, inglês, para fabricação de biscoitos cream cracker. A Fábrica Fortaleza se torna a terceira empresa mais importante do país" – assinala a história do Grupo.

É no contexto particular de liderança nos mercados Nordeste e Norte e de construção da nova sede da Fábrica Fortaleza (na BR 116/KM 18, em um terreno de 600 mil metros quadrados), que Ivens Jr. começa a trabalhar na empresa da família. Era também o tempo do regime militar no Brasil, quando o País "viveu dois extremos em sua economia", lembra Ivens Jr. "Entre 1968 e 1974, (o Brasil) cresceu como nunca antes em sua história e se tornou a oitava maior economia do mundo, graças ao que se chamou de 'milagre brasileiro'. Durante esse período, com forte endividamento externo, o PIB cresceu, em média, 10% ao ano. Ao mesmo tempo, a inflação, anteriormente descontrolada, foi mantida estável em torno de 20%. Mas, com a crise do petróleo e o peso do elevado endividamento externo, tudo mudou, especialmente, pelo aumento da inflação e da dívida externa do país", sublinha o empresário.



JARBAS OLIVEIRA

IVENS JR. DEDICOU 37 ANOS DE VIDA A DIVERSOS SETORES DA EMPRESA, ESPECIALMENTE, AO INDUSTRIAL. APRENDEU A TOMAR DECISÕES VALORIZANDO INFORMAÇÕES CONFIÁVEIS E AVALIANDO PARÂMETROS E TEM COMO MARCA O INVESTIMENTO EM PROFISSIONAIS DE ALTA QUALIFICAÇÃO

Neste cenário, a M. Dias Branco ainda concentrava sua atuação apenas no Ceará; não possuía moinhos de trigo, nem fábrica de gorduras e margarinas. Mas começava a mudar o parque fabril para o município do Eusébio (Região Metropolitana de Fortaleza), a 25 quilômetros da antiga sede, e, além da consolidada marca Fortaleza, investia na marca Richester (surgida em 1978). "Entrei na segunda metade da década de 70, em período, portanto, de grandes mudanças e de investimentos da empresa. Os desafios eram enormes", retrata Ivens Jr.

"Do ano de 1976 (quando começou a trabalhar no Grupo) até hoje, a M. Dias Branco passou de uma pequena empresa cearense fabricante de biscoitos e massas para a maior empresa do Brasil nesses segmentos, com plantas em vários estados brasileiros, líder na América Latina e uma das maiores do mundo, ingressando ainda em farinha de trigo, margarinas e gorduras, bolos, *snacks*, torradas e mistura para bolos", atravessa as décadas.

"Eu ficava simplesmente fascinado com o cenário... A atividade de operários e técnicos e toda uma sequência de passos que não admitiam erros e que terminava com os produtos nas suas embalagens coloridas. Essa foi, sem dúvida, a fonte do meu interesse pela indústria."

“Direi haver herdado algumas qualidades com as quais convivia no lar, como a lealdade, o respeito e a gratidão que levei comigo para o dia a dia da organização. De meu pai, pessoalmente, herdei a devoção ao trabalho. E o tempo ensinou-se a paciência.”

Até assumir a direção do Grupo, em maio de 2014, no lugar do senhor Ivens Dias Branco (presidente desde 1967), Ivens Jr. dedicou 37 anos de vida a diversos setores da empresa, especialmente, ao industrial. Foi sua maior escola, ao tempo em que lidava com os desafios. “Aprendi muito da arte do gerenciamento e do comando de uma empresa complexa, o que inclui a escolha dos melhores e seu treinamento permanente em situação real de trabalho, assim como da necessidade de elaborar e seguir informações sobre o mercado, seu comportamento e tendências, não perder de vista a importância do aperfeiçoamento contínuo de todos os colaboradores e manter acesa no coração deles a chama do crescimento pessoal e do aperfeiçoamento profissional”, repassa.

Ivens Jr. foi do chão da fábrica ao topo do comando, seguindo os passos do pai e a cartilha da família, escrita desde o avô: “Direi haver herdado algumas qualidades com as quais convivia no lar, como a lealdade, o respeito e a gratidão que levei comigo para o dia a dia da organização. De meu pai, pessoalmente, herdei a devoção ao trabalho. E o tempo ensinou-se a paciência”.

Ao longo do aprendizado, foi vencendo o que ele considera “o maior de todos os desafios: a responsabilidade de tomar decisões certas no momento certo. Compreendi que isso se torna muito mais fácil quando o administrador conta com informações confiáveis e parâmetros de avaliação bem estabelecidos”. Na prática, o empresário narra o ano de 1986, quando “seria importante contratar pessoal com maior experiência e qualificação, o que representava aumento de custos e sofisticação dos procedimentos. Enfrentei algumas resistências, mas logo todos perceberam que este era o único caminho compatível com o sucesso do nosso projeto empresarial. E o programa foi implantado com excelentes resultados, marcando o começo do processo de profissionalização”.

O resultado foram ganhos e mais ganhos nas décadas seguintes. O primeiro moinho do Grupo M. Dias Branco, por exemplo, entrou em operação em 1992 e, “pela inovação de qualidade e tipificação de seus produtos”, representa “um marco para o mercado de farinha de trigo e seus derivados no país. Abrindo o novo século, o Moinho Dias Branco recebe a certificação ISO 9000, “sendo o único moinho do Norte e Nordeste e um dos poucos do Brasil a conquistar e manter este certificado até os dias atuais”, destaca o *site* do Grupo. No correr da primeira década do século XXI, a Divisão Moinhos ganha novas unidades em Natal, Salvador e Cabedelo; cria-se a Divisão de Gorduras e Margarinas Especiais; e adquire-se o Grupo Adria.

Atualmente, a M. Dias Branco “é a maior empresa de biscoitos e massas do Brasil, a maior da América Latina em massas e a segunda maior em biscoitos, e uma das sete maiores do mundo nesses dois segmentos”, retrata Ivens Jr. Mais de 17 mil profissionais se dedicam à marca que está presente em todo o país (com 14 unidades industriais no Nordeste, Sudeste e Sul e 25 unidades comerciais). “Para o futuro, muitos desafios estão presentes, com plantas novas, usando o que há de mais moderno em tecnologias disponíveis, bem como o estudo, de longo prazo, para a internacionalização da Companhia”, aponta.

O fascínio pela indústria permanece intacto, desde quando Ivens Jr. passava férias na fábrica do pai. A este encanto do passado, ele une qualidades que o conduzem ao futuro planejado: “A primeira é a fé, que nos assegura a determinação e a persistência de que tanto precisamos para alcançar nossos objetivos. Depois disso vem a capacidade de trabalho e habilidade de racionalizá-lo. E, finalmente, o espírito de luta, pois um empreendedor não pode fraquejar jamais.” ■

FORA DA CAIXA

FIEC SESI SENAI IEL

FIEC

Federação das Indústrias do Estado do Ceará

65 anos

O Sindicajú celebra com o Sistema FIEC os seus 65 anos de sucesso. Mais que uma parceira, um agente transformador da Indústria do Estado do Ceará

SINDICAJÚ

Sindicato das Indústrias de Beneficiamento de Castanha de Cajú e Amêndoas Vegetais do Estado do Ceará

Av. Barão de Studart, 2360 - 4º andar - salas 404/405 - 85 3246 7062 / 85 3426 0497 - sindicaju@sindicaju.org.br



DIA DA INDÚSTRIA

25 DE MAIO É DIA DE COMEMORAR EM LARGA ESCALA.

É a indústria que gera emprego, renda e possibilita um Ceará de oportunidades. SESI, SENAI e IEL orgulham-se de fazer parte desta engrenagem.

Uma homenagem do Sistema FIEC a todos que trabalham pela indústria do Ceará.

marketing/sistemafiec

Sistema FIEC

85 4009.6300 www.sfiec.org.br

PARABÉNS!

FORA DA CAIXA



O Sindfrio parabeniza a FIEC por seus 65 anos trabalhando para o crescimento da Indústria Cearense. Nós somos parceiros nesta luta.



Sindicato das Industria do Frio e Pesca no Estado do Ceará

Av. Barão de Studart, 1980, 3º andar - (85) 3224.8227

FIEC SESI SENAI IEL

FIEC

Federação das Indústrias do Estado do Ceará

FORA DA CAIXA

Há 65 anos a FIEC oferece ferramentas para o crescimento e desenvolvimento da Indústria Cearense, tornando-a mais competitiva e competente.

O Sindiembalagens parabeniza essa grande parceira de todas as horas.



SINDI EMBALAGENS

Sindicato das indústrias de Papel, Papelão, Celulose e Embalagens em Geral do Estado do Ceará

Av. Barão de Studart, 1980 - 4º andar - Aldeota - (85) 3264-3063







Parabéns

FIEC SESI SENAI IEL

FIEC

Federação das Indústrias do Estado do Ceará

Desejamos muita energia nos seus 65 anos!

Homenagem do

Sindienergia-Ce

Sindicato das Indústrias de Energia e de Serviços do Setor Elétrico do Estado do Ceará

B&Q · CENEGED · CITELUZ · COSAMPA · EFICAZ ENGENHARIA · KLC (88) 3409-0117 · A Força da sua luz · PARCERIA Engenharia · PROINCO · B&Q Renováveis · Brasil Wind Serviços · CEGSOLAR Ceará Energy Group · CONPSYS · Energy Green · EL-Connection · GER BRASIL · Helio Energias Renováveis · 18 COMPONENTES · ing Brasil · PHOTOVOLTAICA · prátil · QdoQ Energias · SATRIX

www.sindienergiace.com.br



FIEC SESI SENAI IEL

FIEC

Federação das Indústrias do Estado do Ceará

PARABÉNS A FIEC POR TRABALHAR HÁ 65 ANOS PARA O CRESCIMENTO DAS EMPRESAS E DAS INDÚSTRIAS CEARENSES. UM TRABALHO CONSISTENTE A FAVOR DO DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA DE NOSSO ESTADO.



SINDICARNAÚBA

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS REFINADORAS DE CERA DE CARNAÚBA DO ESTADO DO CEARÁ

Av. Barão de Studart, 1980 – Aldeota - 60120-901 – Fortaleza, CE - (85) 3421-5454

PEDRO ALCÂNTARA REGO DE LIMA DE LIMA, 50 ANOS, É PRESIDENTE DO GRUPO 3 CORAÇÕES.

Criando e mantendo laços

PEDRO ALCÂNTARA REGO DE LIMA, 50 ANOS, APRENDEU COM SEU PAI QUE ADMINISTRAR É CRIAR LAÇOS E VEM FAZENDO ISSO COM SEUS PRÓXIMOS, SEJAM ELES FAMÍLIA, AMIGOS, COLABORADORES OU CLIENTES. POR TUDO ISSO, AO LADO DE DOIS DOS SEUS SETE IRMÃOS – PAULO LIMA E VICENTE LIMA – ESTÁ À FRENTE DO ATUAL GRUPO 3 CORAÇÕES. UMA EMPRESA QUE CONTA COM 25 CENTROS DE DISTRIBUIÇÃO PELO PAÍS E É LÍDER DO MERCADO NACIONAL DE CAFÉ.

POR **ANA MARY CAVALCANTE**
FOTOS **J. SOBRINHO**

J. SOBRINHO / SISTEMA FIEC



Dona Joana ficou danada da vida quando Pedro, o mais velho entre os três caçulas, resolveu voltar para a incerteza que era São Miguel, do meio do caminho da faculdade de Agronomia. Pior: trouxe Paulo e Vicente, os dois mais novos, que já estavam no rumo do segundo grau. "Todo mundo quer estabilidade na vida. Mas não existe estabilidade, a vida é uma dinâmica muito forte", segue Pedro, desde os 20 anos.

Dos seis filhos restantes da "exímia costureira da sociedade de São Miguel", dois, a morte tomou conta na infância porque não existia médico na cidadezinha do interior do Rio Grande do Norte. Pedro, Paulo e Vicente não se tornariam doutores, desses com diploma de faculdade. Eles foram se diplomando na ciência da vida, ensinada pelo pai, seu João, e pela necessidade. "Papai fez uma coisa muito importante, que foi construir a gente: fazer a gente de gente. Isso fez com que a gente ficasse competitivo, que respeitasse, tivesse o espírito de cidadania, de garantir relações duradouras", espelha Pedro.

João Alves de Lima tinha 61 anos quando ensinou os filhos a sonhar. "Papai sempre teve esse viés de comércio, indústria. Era muito inventivo e empreendedor. Ele gostava de começar muitos negócios, mexeu com padaria, com indústria de café, com indústria de sabão", relembra Pedro Alcântara Rego de Lima, 50 anos, que, menino, ainda contava com as histórias do avô materno, "um fazendeiro bem organizado", e do avô paterno, "um comerciante de tecidos".

Quando decidiu deixar a faculdade de Agronomia, aos 20 anos de idade, Pedro também decidiu seu destino: cuidaria da pequena indústria de café, plantada por seu João em 1959. "Entendo que, na vida, a gente tem que ter identidade, origem. Precisa saber de onde a gente vem, os ancestrais, e saber para aonde vai", faz a ponte. Dona Joana (de Souza Rêgo) achava melhor o estudo em Mossoró ou em Natal, argumentando "que esse negócio do seu pai não vale nada, ele não ganha nada com isso, não tem dinheiro!". Mas Pedro, que também é metade seu João, já tinha embarcado no sonho do pai.

"Papai fez uma coisa muito importante, que foi construir a gente: fazer a gente de gente. Isso fez com que a gente ficasse competitivo, que respeitasse, tivesse o espírito de cidadania, de garantir relações duradouras."

Pedro, Paulo e Vicente começaram, então, a torrar e moer os grãos de café, a embalar, transportar e negociar o produto oriundo da indústria de Café Nossa Senhora de Fátima. No começo, as vendas eram no lombo do burro, de porta em porta por São Miguel. E, ao contrário do que se podia imaginar, o café deu frutos: em 1973, seu João fundava a Associação Brasileira da Indústria de Torrefação e Moagem de Café (ABIC) e integrava indústria, varejo e pontos de consumo. Foi um passo em direção à ampliação e profissionalização dos negócios, que se realizariam na década de 1980.

Em 1984, seu João entregava a bússola aos filhos Pedro, Paulo e Vicente Lima. Eles renomearam a indústria, criada pelo pai, para Café Santa Clara e iniciaram a modernização tecnológica e a conquista de novos mercados. A primeira filial, aponta Pedro, foi em Mossoró; em 1990, avançaram além dos limites do Rio Grande do Norte, atraídos pelos incentivos fiscais do governo Tasso Jereissati no Ceará. "Fizemos um financiamento do Banco do Nordeste e começamos a trabalhar", une o empresário, lembrando-se da primeira fábrica do Café Santa Clara, estabelecida no miolo do Eusébio, Região Metropolitana de Fortaleza. "Nessa época, não tínhamos dinheiro para comprar um lugar na margem da BR", ri-se.

Tudo o que Pedro e os irmãos possuíam era a herança do pai empreendedor: "Papai me ensinou que a gente tem que ter foco". Pela vida afora, eles foram agregando o conhecimento necessário para chegar onde estão: dirigindo 25 centros de distribuição e mais de 4.800 colaboradores e faturando acima de R$ 2 bilhões (números de 2014). "Um dos sucessos do empreendedor é que ele tem que virar empresário... Empresário é uma coisa muito mais consolidada, tem que fazer conta, analisar, administrar. Administrar, aprendi com papai: é criar laços – legítimos, duradouros", descobre.

“Um hobby é ir a São Miguel... E tento levar meus filhos, meus parentes lá pra eles entenderem os ancestrais, ter orgulho de onde saiu. Porque ninguém consegue se separar de onde perdeu o umbigo”.

No caminho, o presidente do atual Grupo 3 Corações – o Café Santa Clara adquiriu novas marcas, como o Café Kimimo (em 1996), o Café Pimpinela (em 2003) e a marca 3 Corações (vinda da joint-venture com a empresa israelense Strauss, em 2005), cruzou também com o médico João de Paula Monteiro que, em uma consultoria, deu-lhe um atalho: “Você tem que aprender quatro coisas importantes de um homem de negócio: simplicidade, sinceridade, velocidade e regularidade. Simplicidade e sinceridade já estão no DNA de vocês”.

É preciso ter pressa, sublinhou o médico-consultor, “porque a vida, aqui, na terra, é curta. Você estuda até 28, 30 anos e, depois dos 30 e até os 60, você tem que dizer o que veio fazer aqui. Se não disser, depois, não tem mais tempo pra fazer”. Já a regularidade é da própria natureza: “Do mesmo jeito é um produto, que tem que ter regularidade para garantir a qualidade e a estabilidade”, conclui Pedro Lima.

Nesse passo e caminhando juntos, os três irmãos foram construindo liderança no mercado local de café. Dos anos 90 em diante, ganharam a certificação ISO 9000, criaram um conselho de administração, implementaram um *software* de gestão. Os negócios se espalharam para o Nordeste e o Norte e, em 2002, a Santa Clara se tornava líder nessas regiões. Com as raízes bem fincadas, puderam sonhar com o Sudeste e, no novo milênio, com a incorporação da marca 3 Corações, “viramos líder do mercado nacional de café, com 22% de *marketing share*. Nosso principal concorrente tem 16%, 17% no máximo”, atualiza Pedro Lima.

Da venda em lombo de burro, que iniciou esta história, fez-se uma estrutura própria de industrialização do café que envolve 25 centros de distribuição. Passado, presente e futuro se encontram na reinvenção. “Um dos sucessos nossos foi nos reinventarmos sempre, ir aprendendo coisa nova”, aponta o presidente do Grupo 3 Corações. “Somos uma empresa inovadora, temos sonhos muito ousados. Lançamos o cappuccino pronto, lançamos uma solução de cápsulas, vendemos 215 mil máquinas (multibebidas TRES) no ano passado. O desafio é continuar atendendo às expectativas do consumidor, continuar criando laços, estando próximo”, soma.

No dia a dia ou nas memórias, Pedro Lima sempre volta ao ponto de partida. Ainda que passe a semana em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte, tocando os negócios. Ainda que tenha se tornado Cidadão Cearense, “outra coisa que me orgulha muito”, ele diz, “me sinto um cearense pela acolhida que recebi do povo do Ceará”. Ainda que tenha sido reconhecido como Empreendedor do Ano. Pedro Lima sempre volta à simplicidade das origens: “Um hobby é ir a São Miguel... E tento levar meus filhos, meus parentes lá pra eles entenderem os ancestrais, ter orgulho de onde saiu. Porque ninguém consegue se separar de onde perdeu o umbigo”.

A propósito dos começos, a principal realização do empresário “foi dar uma velhice tranquila para papai e mamãe. Me sinto honrado em poder ajudar meu pais, a comunidade, os consumidores, a fazer o que aprendi na vida: criar laços”. E, ao ganhar o troféu de Empreendedor do Ano, em abril passado, Pedro mandou entregá-lo à dona Joana – que hoje tem 87 anos e continua ao lado de seu João, 91, na saúde e na doença. Mandou-lhe dizer que era um presente (um diploma diferente). “Ela me ligou, agradecendo”, sorri. ■

Nosso negócio é reunir indústria e comércio rumo ao desenvolvimento.

FORA DA CAIXA

Acreditamos nas pessoas e nos negócios, por isso, construímos juntamente com nossos parceiros e equipe, eventos sólidos e duradouros, nos segmentos de Energia, Reciclagem, Mobiliário, Madeira, Maquinário, Cosméticos, Farmacêutica e Química



Há 17 anos no mercado, a Dinâmica Eventos promove feiras de negócios em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis e Salvador. Fazendo interface com o mundo, realizamos grandes eventos internacionais e de grande porte como: **I Congresso Brasil Alemanha de Energias Renováveis e Recursos Hídricos, 4º Conferência Internacional Business as Agent of World Benefit - BAWB, Encontro Econômico Brasil Alemanha e V Encontro Empresarial de Negócios na Língua Portuguesa.**

Av. Barão de Studart, 639 | Aldeota | Fortaleza | Ceará | 85 3433-6959 | www.dinamicaeventos.com.br

DINÂMICA EVENTOS

Assim como o fio forma o tecido e
o tecido a roupa, a FIEC há 65 anos
ajuda a tecer a indústria e a costurar
o futuro do nosso estado.

Uma homenagem da
Cadeia Produtiva da Moda
para a FIEC.

SindConfecções SindRoupas Sinditêxtil

www.sindconfeccoes.org.br | www.sindroupas-ce.org.br | www.sinditextilce.org.br

FIEC SESI SENAI IEL

FIEC

Federação das Indústrias do Estado do Ceará

65 anos de grandes projetos para o crescimento da Indústria Cearense

A FIEC é uma entidade com enorme importância para a formação e capacitação dos profissionais da Indústria Cearense. Comemorar 65 anos só demonstra o quanto é crucial para nosso Estado o trabalho desenvolvido pelos que fazem parte desta nossa nobre parceira.



SINDGRAFICA
Sindicato da Indústria Gráfica do Estado do Ceará

Avenida Barão de Studart, 1980, sala 301 • 3º andar • Aldeota
(85) 3261.4825 • E-mail: sindgrafica@sindgrafica.org.br

FORA DA CAIXA

65 anos

FIEC
SESI
SENAI
IEL

FIEC

Federação das Indústrias do Estado do Ceará

CELEBRAMOS COM MUITO ORGULHO NOSSA PARCEIRA FIEC PELOS 65 ANOS DE INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA E DO MERCADO CEARENSE.

SINDMINERAIS

Sindicato das Indústrias da Extração de Minerais Não Metálicos e de Diamantes e Pedras Preciosas, de Areias, Barreiras e Calcários no Estado do Ceará

Av. Barão de Studart, 1980 – Aldeota – 3º andar

FORA DA CAIXA

O Sindmóveis parabeniza a FIEC por seus 65 anos de mobilização e transformação junto a Indústria Cearense.

65 anos

FIEC
SESI
SENAI
IEL

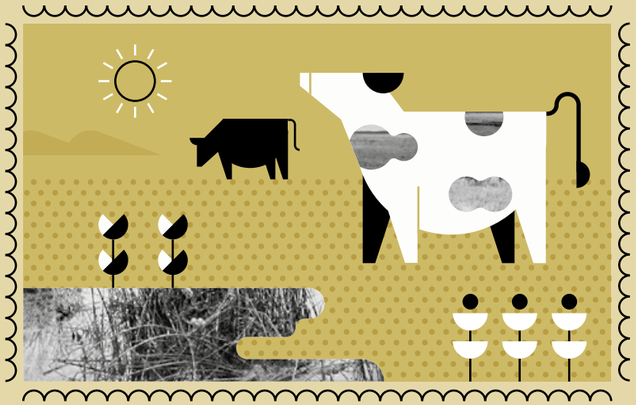
FIEC

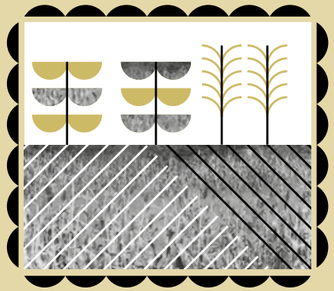
Federação das Indústrias do Estado do Ceará

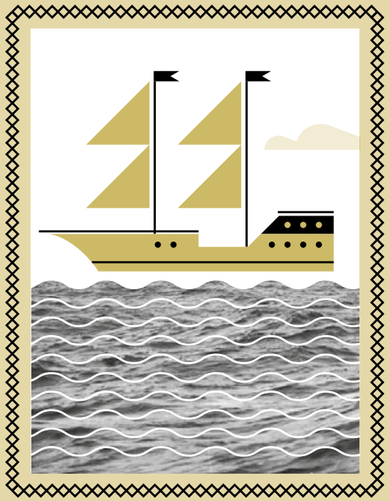
Nossa homenagem a esta importante Instituição que caminha conosco dia após dia na busca do crescimento real e sustentável da Indústria Moveleira no Estado do Ceará

sindMóveis
SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DO MOBILIÁRIO DO CEARÁ

Av. Barão de Studart, 1980 - 3° Andar - Fortaleza - Ceará - Brasil - CEP 60120-024 - Fone: 85 3261-9769







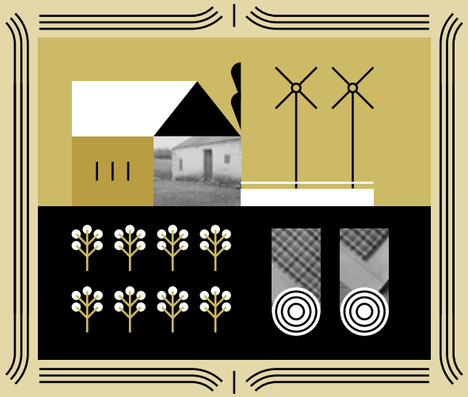


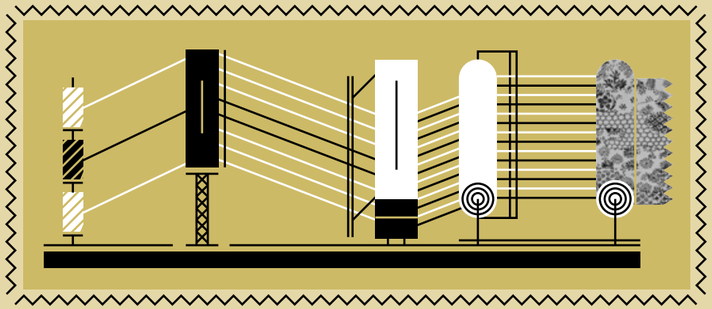










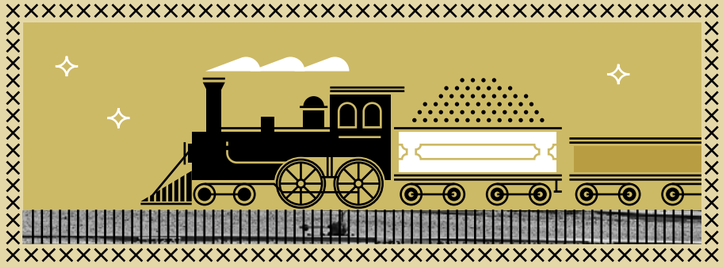


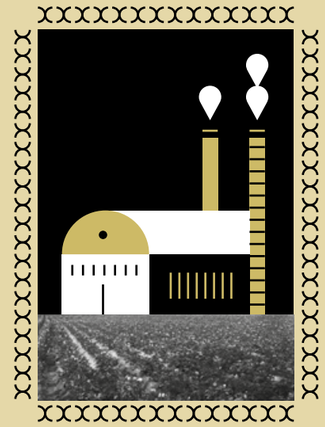
Ceará feito de indústria

POR **LUCINTHYA GOMES**
ILUSTRAÇÕES **ROMUALDO FAURA**

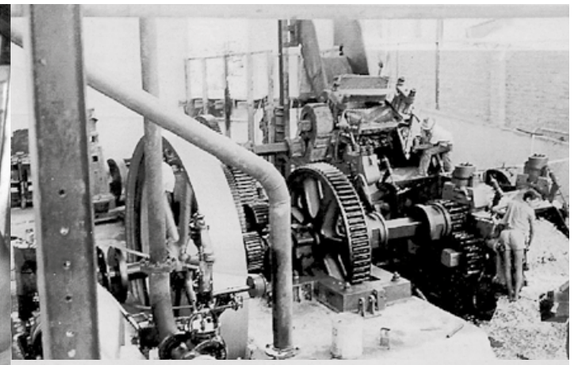














CACHAÇA
COLONIAL: MOAGEM E
PLANTAÇÃO DE CANA

PROCESSO TRADICIONAL DE INDUSTRIALIZAÇÃO DO COURO

Podemos perceber, portanto, que a história da industrialização do estado, por vezes, se confunde e até mesmo alimenta a história do nosso Ceará. A economia foi se construindo a partir das necessidades imediatas da população.

Do império aos dias atuais, o desenvolvimento industrial cearense se deu bem lentamente, muito atrelado às condições geográficas do estado. As secas severas, que até hoje desafiam as autoridades, sempre foram um elemento determinante para a economia local. Mas das dificuldades, a população precisou se mostrar inventiva e buscar soluções para se desenvolver e enfrentar as mazelas sociais. No ano em que a Federação das Indústrias do Estado do Ceará - FIEC comemora 65 anos, convidamos você, leitor, a fazer uma viagem no tempo, passando pelos caminhos que o Ceará percorreu desde quando sua economia se sustentava pela vocação para a agropecuária, até chegar aos dias de hoje, firmando-se como um estado com economia baseada em comércio, serviços e turismo.

Façamos a primeira parada no Ceará dos tempos de colônia no século XVII. Mesmo com longos períodos de estiagem, de terra vasta e plana, o nosso estado era um grande pasto natural. Por ser um area de difícil manejo, com clima seco e árido, houve pouco interesse dos colonizadores em nosso território. O estado foi se estabelecendo pela comercialização e exportação de carne seca. Do gado, vinha o alimento da população. Mas também se aproveitava o couro para produzir utensílios e vestes do vaqueiro, desenvolvendo-se assim um rico artesanato.

Os ciclos do algodão e da cana-de-açúcar no Nordeste influenciavam os cearenses. Com as plantações de cana-de-açúcar, os engenhos produziam o açúcar grosseiro e a rapadura. Os pequenos engenhos fabricavam também aguardente, mas houve dificuldade de prosperar na atividade, por causa do monopólio de Pernambuco. Do algodão, se faziam colchas, redes e roupas.

A pecuária foi a atividade pioneira e proporcionou ao estado as primeiras experiências de industrialização, mantendo-se predominante por um bom tempo. No século XVIII, tinha início a conhecida indústria da carne-seca, que, no sul, levava o nome de carne de charque. Pelo chamado Porto dos Barcos de Santa Cruz, de mar acessível, que, mais tarde, se tornaria o município de Aracati, já se iniciava o comércio de carnes.

Simultaneamente, o preparo do couro foi se aprimorando com a fabricação de sapatos e bolsas. Diante da vocação para o artesanato, surgiam as oficinas de ferreiros e alfaiatarias. Além de Aracati, o município de Acaraú se destacava na área, com a fabricação de selas e arreios, botas, sapatos, gibões, chapéus, malas, baús e alforjes. Mas vale registrar que a atividade foi se desenvolvendo em praticamente toda a província cearense.

Ainda que incipiente, a base da economia do Ceará ia se formando a partir desses elementos. Neste período, os setores da pecuária, da fabricação de açúcar e farinha (a partir da mandioca) e a produção de tecidos grossos levou à formação de diversos ofícios. À medida que a população foi crescendo, foram construídos prédios públicos, igrejas ou capelas, e casas de moradia. Nasciam, portanto, atividades pré-industriais, uma vez que surgiam também funções que exigiam mais qualificação que as até então existentes, como agricultor, vaqueiro e negociante.

O PASSEIO PÚBLICO, NO CENTRO DE FORTALEZA, É SÍMBOLO DO AUGE DA BELLE ÉPOQUE



A Belle Époque em Fortaleza (1850-1925)

O termo francês traduz a euforia europeia diante das novidades que surgiram a partir da revolução científico-tecnológica. A França inspirava novos padrões mundiais. Em Fortaleza, comerciantes e profissionais liberais estrangeiros e vindos de outras regiões brasileiras ajudaram a promover mudanças importantes. Entre 1860-1880, com as exportações de algodão como base econômica, Fortaleza passou a vivenciar mudanças não só de comportamento, mas também urbanísticas. A cidade ganhou reformas e empreendimentos condizentes com padrões estéticos de grandes metrópoles. O Passeio Público, no Centro, é um exemplo de equipamento influenciado por esta estética. Bondes, fotografias, telégrafos, telefone, boulevards, cafés, sobrados, palacetes e mansões, referências de modernidade entraram no cotidiano da elite fortalezense.

Podemos perceber, portanto, que a história da industrialização do estado, por vezes, se confunde e até mesmo alimenta a história do nosso Ceará. A economia foi se construindo a partir das necessidades imediatas da população. E à medida que o estado deu seus primeiros passos para a exportação de suas mercadorias, foi se influenciando pelos acontecimentos nacionais e até mesmo de outros países.

Com a Revolução Industrial eclodindo na Inglaterra, no fim do século XVIII, o Ceará teve significativo avanço na lavoura algodoeira, desenvolvendo-se também no comércio exterior. A industrialização proporcionou a aquisição de novos teares e as técnicas também evoluíram. Por isso, a fiação cearense cresceu e, em vez do pano grosso, o cacondé, uma espécie mais delicada de tecido vindo de algodão, passou a ser produzido e também vendido no exterior.

Com o artesanato predominante neste período, houve a tendência para o trabalho livre, um dos fatores que abalaram o sistema escravista e, em 1884, o Ceará aboliu a escravatura, antes de qualquer outra província.

Em 1884, a abertura da fábrica de tecidos Progresso inaugura a industrialização do Ceará. A empresa de Thomás Pompeu de Souza Brasil e Antônio Pinto Nogueira Acioly representa bem uma fase marcada pelo predomínio de investimentos privados e familiares, que se estendem até os anos 1950.

Observa-se que o Ceará tirou melhor proveito nos períodos entre guerras. Com a Revolução Industrial e os Estados Unidos fragilizados pela Guerra da Secessão (1861-1865), a indústria têxtil mundo afora se fragilizou, ao passo que a procura pelo algodão aumentou, levando o Ceará a preencher o espaço. Foi uma fase próspera para o Nordeste do país e a fiação cearense deu um salto. O algodão cultivado no estado, com destaque na Serra de Uruburetama, por exemplo, era exportado, passava pelo porto de Fortaleza e a vila ia se formando como centro coletor da produção agrícola e pastoril do interior.

Em meio à Belle Époque, foi crescendo também no Ceará o interesse e o empenho em produzir máquinas, principalmente, após as exposições industriais de Londres e do Rio de Janeiro causarem grande impacto. A partir de 1860, os frutos desse investimento surgiram e a economia do estado alcançou um avanço notável. Foi mais ou menos por esta época que chegou ao Ceará um exemplar do descaroçador de algodão do francês Auguste Mulet, assim como máquinas para espremer mandioca e aprimorar a produção de farinha.

À época, o estado passou a ter homens visionários e já atraía estrangeiros com habilidades para ferreiros, pintores, marceneiros, arquitetos, engenheiros (vindos da França e da Alemanha), o que permitiu um intercâmbio de habilidades com o povo daqui. Em 1869, por exemplo, João Vogeley se estabeleceu na rua Formosa, hoje conhecida como Barão do Rio Branco, no número 78, onde fabricava, consertava e afinava pianos.

No ano de 1873, foi instalada a primeira ferrovia do Ceará, que rendeu um grande impulso para a economia da capital. A Estrada de Ferro Baturité ligava o bairro Parangaba, em Fortaleza, ao município de Crato, no Cariri, passando pela "mina" de "ouro branco" (como era chamado o algodão), em Baturité.

Em 1882, a costureira e chapeleira Senhora Bison morou em Fortaleza, despertando a vaidade e levando as mulheres a encomendarem peças que seguiam as novidades europeias. A imprensa também já dava sua contribuição trazendo informações de descobertas e achados técnicos e científicos.

OS EFEITOS DA ESTIAGEM

Contudo, a prosperidade estacionou por ocasião das severas secas de 1877 e 1879, que levaram à morte 27 mil pessoas. A chegada de um grande número de imigrantes também abalou o setor econômico. Foi um período de recesso. O país ainda estava fincado em raízes agrícolas e a população ainda tinha a cultura de atender apenas às necessidades imediatas. A industrialização não acompanhou o crescimento populacional. Por isso, o artesanato, a partir da pecuária, teve papel importante na evolução da economia cearense, uma vez que proporcionou o surgimento de tarefas e funções complementares (moagem, fabricação de rapadura, construções, carpintaria), elaborando, assim, uma intenção empresarial. Executavam serviços conforme a precisão da população.

Os artesãos tiveram ainda a iniciativa de formar as primeiras associações, ou simplesmente de se unir, a fim de defender os objetivos econômicos da classe. Alguns grupos foram prodigiosos, como os gráficos, alfaiates, pedreiros. O Centro Artístico Cearense e a Sociedade Artística Beneficente merecem o registro.



PROFESSORES DO SESI PARTICIPAM, EM JULHO DE 1962, DE CURSO DE ORIENTAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

Mas outras atividades foram surgindo no Ceará, o que ajudou o campo industrial a continuar se movimentando. Um dos destaques neste período foi a manipulação de medicamentos a partir de produtos naturais. Os cearenses mostraram-se inventivos, tirando proveito das propriedades medicinais de substâncias usadas pelos indígenas. Foi o princípio do desenvolvimento da indústria farmacêutica no estado.

Alguns dos medicamentos desenvolvidos a partir de meados dos anos de 1800 até o início dos anos 1900 são conhecidos, usados e bem-sucedidos até hoje, como é o caso das "Gotas Amargas de Artur Carvalho", "Pílulas de Matos" e "Asseptol".

Em 1884, a abertura da fábrica de tecidos Progresso inaugura a industrialização do Ceará. A empresa de Thomás Pompeu de Souza Brasil e Antônio Pinto Nogueira Acioly representa bem uma fase marcada pelo predomínio de investimentos privados e familiares, que se estendem até os anos 1950. Documentos dão conta de que Fortaleza passou de 150 instalações industriais, em 1895, para 310, em meados do século XX.

Ainda em fins do século XIX, a oiticica e castanha de caju favoreceram a indústria agroexportadora em Fortaleza. A partir do ano de 1891, foram instaladas a Companhia Cearense de Curtume, pioneira na industrialização de couros e peles; a Companhia Fabril de Meias; e a Companhia Industrial do Ceará, que utilizava as pedreiras existentes no estado para fabricar cal, tijolos, telhas, ladrilhos e azulejos.

A partir de 1891, aquele impulso que a construção de ferrovias havia causado inicialmente volta a se manifestar. Pequenos estabelecimentos tiraram proveito e foram abastecendo a economia e as finanças locais, nos primeiros anos de Governo Republicano.

A INDUSTRIALIZAÇÃO NA REPÚBLICA

Após a abolição dos escravos e a proclamação da República, caro leitor, enquanto nos estados do sul do país o fluxo de imigrantes impulsionava as atividades econômicas diversas, no Ceará, ainda se mantinham as atividades que eram praticadas desde o início do povoamento do estado. Os investimentos governamentais, em benefício da indústria, se mantiveram modestos no início da República. Em 1897, foi construído o mercado público da capital e, em 1910, ficou pronto o Theatro José de Alencar. A carga tributária neste período era bastante elevada.

Relatório de 1907 do Centro Industrial do Brasil indica que a atividade fabril no Ceará contava com 18 estabelecimentos, 1.207 operários, 3.521 contos de réis como capital (sendo que a produção era de 2.951 contos de réis). Historiadores contestam os números, mas esse era o retrato do momento. Este foi um período marcado pelo grande crescimento populacional e pela grave seca de 1915. Uma fase bastante dolorida para a história do nosso estado. Foram construídos campos de concentração para impedir a chegada dos flagelados à capital. Ainda que os investimentos tenham sido tímidos, continuavam pautados pelo interesse agroindustrial, e as fábricas de tecido de algodão continuavam a crescer.
No mercado de couro, o Ceará atraía investimentos estrangeiros ou de famílias estrangeiras. Em Fortaleza, havia o Curtume Cearense, no bairro Jacarecanga, do empresário uruguaio Francisco Lorda. Já a indústria de produtos farmacêuticos se manteve forte até os anos de 1931 a 1940, sobrevivendo à forte concorrência entre si.

Relatório de 1907 do Centro Industrial do Brasil indica que a atividade fabril no Ceará contava com 18 estabelecimentos, 1.207 operários, 3.521 contos de réis como capital (sendo que a produção era de 2.951 contos de réis). Historiadores contestam os números, mas esse era o retrato do momento.

Encilhamento

Durante o governo provisório de marechal Deodoro da Fonseca, uma das medidas adotadas pelo então ministro da Fazenda em 1890, Rui Barbosa, para o país foi a política de incentivo à criação de empresas industriais e comerciais. À época, ele entendia que o melhor meio para incentivar a industrialização era a oferta de crédito e, assim, ele permitiu que bancos privados emitissem papel-moeda para a concessão de empréstimos. Um dos objetivos era permitir o pagamento de salários, diante do elevado crescimento no número de trabalhadores, com o fim da escravidão.

Mas os efeitos desta política que ficou conhecida como encilhamento foram a desvalorização imediata da moeda (mil réis), surto inflacionário, e, por não haver a devida fiscalização, surgiram falsos empreendedores e os recursos eram aplicados em finalidades diferentes daquelas apresentadas no ato dos empréstimos. Houve também elevado nível de falência. O encilhamento desagradou também o setor cafeeiro, por não concordar com o apoio ao setor industrial e revelou a falta de habilidade do governo na política econômica.

A partir de 1930, com o Governo de Getúlio Vargas (1930-1945 e 1951-1954), a indústria passa a ser uma preocupação real, incentivada e sistematizada. A crise do modelo de exportação baseado na agricultura, em 1929, foi sentida ao longo dos anos 30. Os cafezais sofreram grave declínio, gerando condições de industrialização no país.

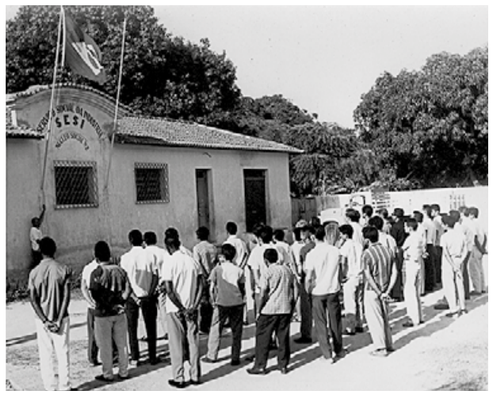
Já em 1933, o Centro Industrial do Brasil (CIB) foi criado por quatro federações: São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, que centralizavam o capital brasileiro. Esse foi o primeiro órgão de representação do setor produtivo brasileiro, que possibilitou a criação de federações industriais pelo país. Tinha como missão atuar pela consolidação de leis de colaboração entre estados e Governo Federal, em busca do desenvolvimento. Em 1938, o CIB passou a ser Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Num período marcado por problemas decorrentes da Segunda Guerra Mundial, a CNI desenvolveu estudos sobre o planejamento das atividades produtivas, defesa do trabalho e reequipamento do parque manufatureiro. Na década de 40, já havia o sentimento de que, sem educação profissional de qualidade, o país não teria uma indústria forte, com desenvolvimento sustentável. Por isso, a CNI exerceu importante papel para a instalação de instituições que assumiriam crucialmente a busca por esses objetivos.

Um marco, ainda na Era Vargas, foi o decreto-lei 4.048, de 22 de janeiro de 1942, que criou o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), com o objetivo de formar profissionais para a indústria nacional incipiente. O decreto previa ainda que o SENAI seria mantido com recurso empresarial e administrado pela CNI.

Já em 1946, o decreto-lei 9.403, assinado pelo então presidente Eurico Gaspar Dutra, atribuiu à CNI uma nova missão: a criação, organização e direção do Serviço Social da Indústria (SESI). O objetivo era a melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores e seus dependentes. Para isso, prestava serviços em saúde, lazer, esporte, cultura, nutrição e promoção da cidadania. ■

INAUGURAÇÃO DO SESI DA PARANGABA



XI SEMANA REGIONAL DE PREVENÇÃO DE ACIDENTES EM FÁBRICA DE TECIDOS EM MARANGUAPE





INAUGURAÇÃO DA DELEGACIA REGIONAL DO SESI

FIEC SESI SENAI IEL

FIEC 65 anos

Federação das Indústrias do Estado do Ceará

FORA DA CAPA

O sucesso do nosso trabalho está na busca constante por novas formas de fazer com que o crescimento do nosso setor seja sustentável.
A FIEC tem sido uma grande parceira na busca deste objetivo.

O SINDIVERDE parabeniza a FIEC pelos 65 anos de trabalho no Estado do Ceará.

SINDIVERDE
Sindicato das Empresas de Reciclagem de Resíduos Domésticos e Industriais no Estado do Ceará

Av Barão de Studart 1980- 3° andar - Aldeota - 85 3224.9400 - sindiverde@sfiec.org.br











Saúde e emprego aos cearenses. O Sindlacticínios e a FIEC são parceiros neste projeto.

FIEC SESI SENAI IEL

FIEC

Federação das Indústrias do Estado do Ceará

O Sindicato da Indústria de Lacticínios e Produtos Derivados no Estado do Ceará, SINDLACTICÍNIOS parabeniza o Sistema FIEC pela passagem dos seus 65 anos.

SINDICATO DA INDÚSTRIA DE LACTICÍNIOS



Av. Barão de Studart, 1980, 4º andar - Casa da Indústria - Aldeota - 85 3261.6182 - sindlacticinios@sfiec.org.br









FIEC
SESI
SENAI
IEL

FIEC

Federação das Indústrias do Estado do Ceará

PARABÉNS A FIEC POR SEUS 65 ANOS DE GRANDES SERVIÇOS PRESTADOS À INDÚSTRIA CEARENSE.









Uma homenagem

SINDTRIGO

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE MASSAS ALIMENTÍCIAS E BISCOITOS NO ESTADO DO CEARÁ
SINDMASSAS

Rua Benedito Macêdo, 77 – Vicente Pinzón - 85 85-3263.1430

Av. Barão de Studart, 1980 – Aldeota – 4º andar - (85) 3261.9182

FORA DA CAIXA

65 anos

FIEC
SESI
SENAI
IEL

FIEC

Federação das Indústrias do Estado do Ceará

Nosso reconhecimento ao trabalho realizado pelo Sistema FIEC ao longo de seus 65 anos. Parabéns!

SINDPAN
CEARÁ

Av. Barão de Studart, 1980 - 4º andar - Ed. FIEC - Aldeota - (85) 3261.0052 / 3466.5477

FORA DA CAIXA



FOLHA DA CAIXA

PARABENIZAMOS A FIEC POR SEUS 65 ANOS DE ESTRADA.

FAZER A DIFERENÇA E MUDAR VIDAS SÃO ALGUMAS DE SUAS VÁRIAS CONQUISTAS.



SINDIPNEUS

Av. Barão de Studart, 1980 - 3° andar - Aldeota - (85) 3421-5433

FIEC
SESI
SENAI
IEL

FIEC

Federação das Indústrias do Estado do Ceará

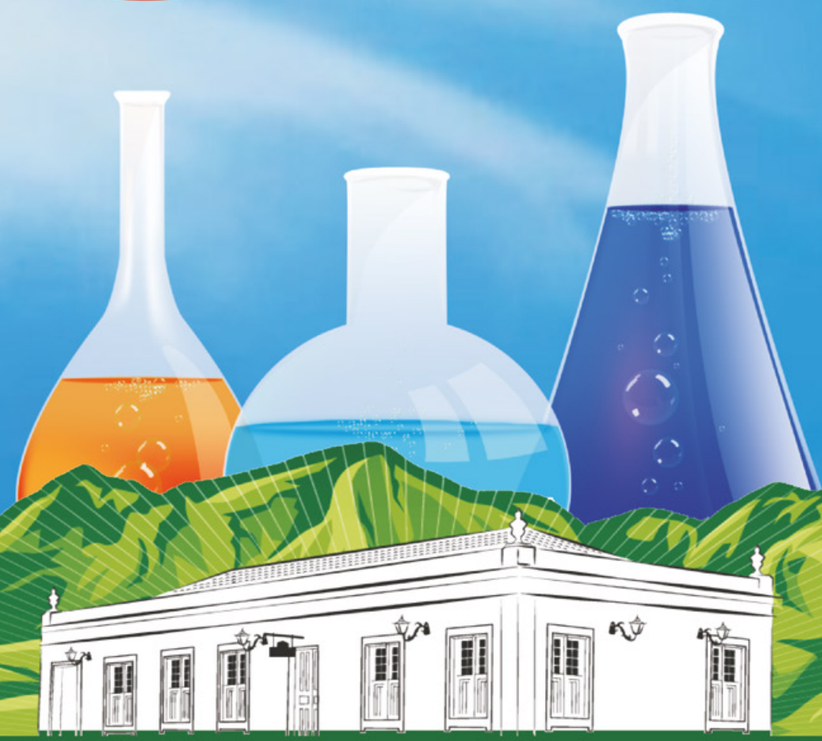
65 anos

UMA HISTÓRIA DE SUCESSO!

Ao parabenizarmos a FIEC pelos seus 65 anos de existência, queremos comemorar anunciando um novo marco para a indústria cearense com a implantação do pólo químico no município de Guaiúba, um modelo inovador que reunirá 24 empresas compartilhando espaços comuns, fruto do associativismo que vem sendo praticado na Casa da Indústria.

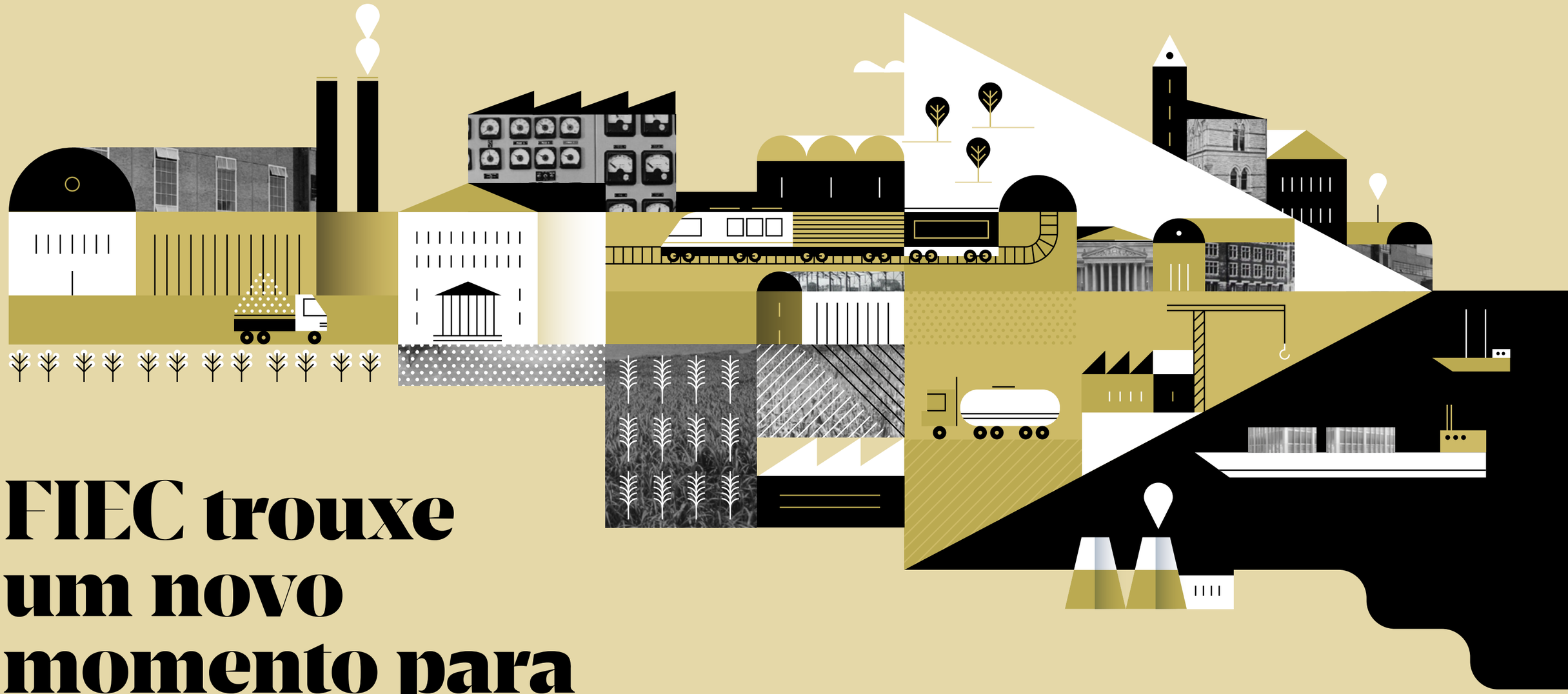
SindQUÍMICA CEARÁ

Sindicato das Indústrias Químicas, Farmacêuticas e da Destilação e Refinação de Petróleo no Estado do Ceará



facebook.com/sindquimica

www.sindquimica.org.br



FIEC trouxe um novo momento para a indústria

POR **LUCINTHYA GOMES**
ILUSTRAÇÕES **ROMUALDO FAURA**

Com uma população predominantemente rural, o Ceará tinha ainda o setor agropecuário como base maior de sustentação da economia. As tecnologias e modelos de gestão ainda eram tradicionais. O advento da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) dificultou a reposição de peças de máquinas modernas, procedentes de países envolvidos no conflito. Assim ficaram prejudicadas principalmente as concessionárias de luz e força (The Ceará Tramways, Light and Power).

Diante do fornecimento restrito, fábricas cearenses se viram obrigadas a investir pesado na aquisição de grupos geradores, o que aumentou muito os custos de produção, ameaçando quase todas as empresas do estado. Mas, ao fim da Guerra, acordos firmados em conferência mundial visando a fortalecer a economia de todos os países, acabaram beneficiando o Brasil.

Após ser acolhida pela CNI, que era presidida pelo industrial Euvaldo Lodi, a criação se efetivou com a carta de reconhecimento expedida pelo Ministério do Trabalho no dia 12 de maio do mesmo ano.

Neste período, empresas cearenses encontraram um rumo de expansão, outras se organizaram, enquanto Fortaleza passou a ter novas zonas industriais. Parangaba, Barra do Ceará e Avenida Francisco Sá passaram a ser polos industriais em detrimento da economia tradicional (agricultura e pecuária).

Contudo, quando as exportações retomaram seu impulso, o Ceará sofria consequências da migração forçada de trabalhadores para a Amazônia, para a "Batalha da Borracha". Significava a perda de toda uma geração de homens, de 18 a 45 anos, aptos para o trabalho. Este foi um momento em que os lucros das exportações eram satisfatórios, mas sem efeitos na economia cearense, já que também era alto o volume de importações. Automóveis, rádio-receptores, plásticos e perfumes chegaram em abundância.

Tensões sociais alarmavam a necessidade de universalização da educação, de melhoria no atendimento de saúde, do sistema de transporte e habitação. Diante da movimentação que já existia no eixo Sudeste/Sul do país, industriais do Ceará já vislumbravam a instalação da Federação das Indústrias do Ceará, um desejo latente. Os laços entre CNI e representantes da indústria cearense já vinham se construindo. E a década de 40 foi frutífera para a organização do setor.

Em 1943, a CNI criou as delegacias regionais do SENAI no Ceará (SENAI/CE) e, em 1948, do SESI/CE, ambas em Fortaleza. A própria CNI os administrava nos locais onde não existia ainda federação. Já estavam criadas as bases para a instalação de uma federação que reunisse sindicatos das indústrias cearenses.

A GÊNESE DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO CEARÁ

O sonho de criação da federação começava a se concretizar no terceiro andar do Edifício Jangada, na rua Major Facundo, Centro de Fortaleza. Era 21 de março de 1950, quando os engenheiros Waldyr Diogo de Siqueira e Thomaz Pompeu de Souza Brasil Netto, reuniram cinco representações sindicais, requisito mínimo para a formalização da federação segundo a legislação sindical vigente. Com a assinatura de cada um dos representantes, o estatuto da entidade que se formava foi encaminhado ao delegado regional do Trabalho, à época, Raul Domingues Uchoa.

Os princípios e a direção da FIEC foram definidos ali, no documento. Waldyr Diogo de Siqueira, Pergentino Maia, Thomaz Pompeu de Souza Brasil Netto, Francisco de Assis Philomeno Gomes e José Theófilo Gurgel foram protagonistas do nascimento da FIEC. Também estava detalhado no estatuto o seu papel principal: "Amparar e defender os interesses gerais das indústrias que congrega e representar essas indústrias perante os poderes públicos federal, estaduais e municipais, colaborando com os mesmos no estudo e solução de todos os assuntos que possam interessar às atividades produtoras e à expansão da economia nacional".

Após ser acolhida pela CNI, que era presidida pelo industrial Euvaldo Lodi, a criação se efetivou com a carta de reconhecimento expedida pelo Ministério do Trabalho no dia 12 de maio do mesmo ano. Com a criação da FIEC, o SESI e o SENAI foram agregados, o que permitiu uma colaboração sistêmica.

A partir daí, CNI e FIEC iniciaram trabalhos com foco em duas vertentes: garantir os interesses da grande indústria (à época, tinham soberania os interesses da indústria paulista) e promover programas de melhoria das condições de vida dos trabalhadores. Não por acaso, os esforços iniciais da FIEC foram dedicados à expansão das atividades do SESI.



THOMAS POMPEU, FERNANDO GASPARIAN E WALDYR DIOGO, MEMBROS DA PRIMEIRA DIRETORIA DA FIEC

A criação da FIEC

Representações sindicais que se uniram para assinar o estatuto que deu origem à FIEC:

- ***Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em Geral do Estado do Ceará***
- ***Sindicato de Alfaiataria e Confecções de Roupas para Homens de Fortaleza***
- ***Sindicato da Construção Civil de Fortaleza***
- ***Sindicato da Indústria de Calçados de Fortaleza***
- ***Sindicato da Indústria de Tipografia de Fortaleza.***

Composição da primeira diretoria da FIEC (1950 a 1962)
Presidente: Waldyr Diogo de Siqueira
Vice-presidente: Pergentino Maia
1º Secretário: Thomaz Pompeu de Souza Brasil Neto
2º Secretário: Fco de Assis Filomeno Gomes
Tesoureiro: José Teófilo Gurgel



O Ministro de Estado dos Negócios do Trabalho, Indústria e Comércio

Faz saber a quantos esta Carta virem que, atendendo ao que requereu a "Federação das Indústrias do Estado do Ceará", constituída pelos seguintes sindicatos: "da Indústria de Calçados de Fortaleza, da Fiação e Tecelagem em Geral do Estado do Ceará, da Indústria de Alfaiataria e Confecções de Roupas para Homens de Fortaleza, da Indústria de Fiação e Tecelagem em Geral — Estado do Ceará, da Indústria de Tipografia, de Fortaleza, e da Indústria da Construção Civil, de Fortaleza", [illegible]

resolve aprovar os respectivos estatutos e reconhecer, de acordo com o regime instituído pela Consolidação das Leis do Trabalho, a "Federação" [illegible] como associação sindical de segundo grau, compreendida nas categorias econômicas que abrange os Sindicatos acima referidos, [illegible]

E, para firmeza, mandou passar a presente Carta, que vai por ele assinada.

Rio de Janeiro, [illegible] de [illegible] de 19[illegible]

DIPLOMA DE CRIAÇÃO DA FIEC, DE 12 DE MAIO DE 1950, COM REGISTRO DOS SINDICATOS REQUERENTES (CALÇADOS, ALFAIATARIA, FIAÇÃO E TECELAGEM, TIPOGRAFIA E CONSTRUÇÃO CIVIL)



EDIFÍCIO JANGADA, PRIMEIRA SEDE DA FIEC: ONDE TUDO COMEÇOU

O caminho até aí, no entanto, não foi de facilidades. A federação ainda não possuía recursos próprios para gerir as duas delegacias regionais, do SESI e do SENAI. Somente por meio da resolução número 98, de 27 de abril de 1951, o Conselho Nacional do SESI recomendou que o departamento nacional dispensasse maior atenção às delegacias regionais do Ceará e do Piauí, onde haviam sido instaladas federações industriais. No dia 30 de novembro, a resolução número 107 concedeu, enfim, auxílios financeiros.

Neste período da década de 50, uma série de medidas do Governo Federal favorece a indústria no Nordeste. Destacam-se o aproveitamento do Vale São Francisco, a transformação do Departamento Nacional de Obras contra as Secas (Dnocs) em autarquia, implantação da Hidrelétrica de Paulo Afonso (na Bahia) e a criação da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (Sudene). Na tentativa de acompanhar o ritmo da região, o Governo do Ceará instituiu o Conselho Estadual de Economia pela lei 2.454, que representou um marco para a promoção do desenvolvimento apesar das dificuldades financeiras, que não permitiram a estruturação completa do órgão.

Neste período, o SESI deu importante contribuição na criação de uma fonte adicional de renda e de valorização da família do trabalhador cearense. Promoveu o ensino de corte e costura, em vários cursos mantidos nos bairros operários e na sede do órgão. Eram produzidos artigos de primeira necessidade e de uso comum, vendidos, a preço de custo, em unidades denominadas postos de abastecimento. O SESI realizou também palestras em fábricas, círculos operários, sindicatos e outros postos de trabalhadores, por meio de educadores sociais, além da prestação de serviços médicos, odontológicos e complementares.

Nesta fase ainda embrionária, até 1960, a atuação da FIEC limitou-se a apoiar tendências da CNI. A postura torna-se facilmente compreendida quando lembramos que, naquela época, os maiores investimentos públicos, privados e inclusive estrangeiros, se voltavam para o Sul e Sudeste brasileiros, quando São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro se sobressaíam.

É a partir da década de 60 que a Sudene passa a exercer papel decisivo para a implantação de indústrias no Ceará, tornando-se um canal de recursos que vinham de outras regiões. Também contribuíram, principalmente para a industrialização em Fortaleza e região metropolitana, a instalação da Universidade Federal do Ceará (UFC), o Banco do Nordeste do Brasil (BNB), a construção do Porto do Mucuripe e a concessão de incentivos fiscais como o Fundo de Investimento do Nordeste (Finor).

Entre as décadas de 1960 e 1970, incentivos fiscais colaboraram para a multiplicação dos estabelecimentos fabris no Ceará. Um exemplo é a instalação, nesse período, da Metalgráfica Cearense SA (Mecesa). Os empreendimentos financiados pela Sudene tinham relação com fiação e tecelagem, produtos alimentícios e bebidas, óleos vegetais. Não eram percebidas ainda inovações, a não ser as de caráter técnico. Bahia e Pernambuco eram os estados que recebiam os maiores montantes do órgão.

A DITADURA E "MILAGRE ECONÔMICO"

Thomaz Pompeu de Sousa Brasil Netto, que havia participado tanto da fundação da CNI, quanto da FIEC, foi eleito presidente da federação para o período de 1962 até 1971. O trabalho, por certo tempo, foi realizado em concomitância com a presidência da CNI (1967-1971). Lá, ele foi responsável, entre tantos feitos, pela criação do Instituto Euvaldo Lodi (IEL), em 1969. Durante sua gestão, na FIEC, intensificou a preocupação social, ofertando assistência médica e serviço social, além da preocupação com relação à educação dos funcionários.

Foi nesta época que o governador do Ceará, Virgílio Távora (à frente do estado de 1963 a 1966 e, em seguida, de 1979 a 1982), plantou as sementes para o atual distrito industrial de Maracanaú, que foi inaugurado em março de 1966, com a presença do marechal Castelo Branco. Para isso, Virgílio Távora estabeleceu o Plano Diretor do Primeiro Distrito Industrial de Fortaleza.

Em 1964, a história já havia ingressado em território militar. A ditadura (1964-1985) teve o propósito de modernizar a economia, colocando o país num contexto de competitividade mundial. No Ceará, o período reforçou a industrialização da região metropolitana de Fortaleza. Por volta de 1969, o país já experimentava o chamado "milagre econômico", expandindo-se em 10% ao ano. Foi neste contexto que a economia cearense passou de agrícola a urbanizada, com as indústrias fortalecendo a participação na geração de renda interna.

Por causa do trabalho de Thomaz Pompeu de Souza Brasil Netto à frente da CNI, de 1965 a 1970, José Raimundo Gondim presidiu interinamente a FIEC. Os registros lhe renderam um perfil de um orador de linguagem franca e corajosa, grande defensor do desenvolvimento regional e local. Em um de seus discursos mais famosos, feito de improviso, a pedido de Virgílio Távora para saudar Castelo Branco, Gondim criticou a falta de políticas direcionadas aos problemas dos nordestinos, refletida na falta de infraestrutura e crédito para empresas e agricultores, para alavancar a indústria.

Ter um cearense, Thomaz Pompeu Netto, na presidência da CNI beneficiou também a FIEC durante a gestão de Francisco José Andrade Silveira (1971-1977).

A gestão de Gondim é lembrada por ações inovadoras junto à CNI, ao SESI e ao SENAI, pelo estímulo à política de integração do Ceará no processo da industrialização desencadeado pelos Governos Federal e Estadual por intermédio da Sudene. Também é atribuída a sua gestão a unidade do SENAI em Juazeiro do Norte.

Ter um cearense, Thomaz Pompeu Netto, na presidência da CNI beneficiou também a FIEC durante a gestão de Francisco José Andrade Silveira (1971-1977). O período foi símbolo de austeridade da FIEC e de conscientização da classe empresarial sobre a importância da união de forças e propósitos para construir uma federação operante e fortalecida.

Silveira passou a instituir na federação um sistema de ponto, que garantisse o cumprimento de expediente na entidade, tal qual ocorria nas indústrias do estado. A mentalidade de perpetuação de gestões à frente dos sindicatos foi se desfazendo e as entidades foram aderindo à FIEC. A essa época, o número de filiados já havia dobrado. A instituição já se abria também para a participação feminina.

Foi a partir deste momento que o então governador César Cals passou a considerar as reivindicações da indústria e a conceder incentivos. Uma importante herança de Fran-



EDIFÍCIO CASA DA INDÚSTRIA, NA AVENIDA BARÃO DE STUDART, EM 1989

cisco José Andrade Silveira para a FIEC foi a reformulação administrativa do SESI e do SENAI e a instalação pioneira do Instituto Euvaldo Lodi (IEL), em 1969, no Ceará. A partir da mediação entre a universidade e o setor produtivo, o IEL atuou como intermediador da oferta de estágios nas indústrias. Foi também uma forma de levar conhecimento acadêmico para dentro do setor industrial.

Francisco José também contribuiu com o processo de interiorização da FIEC, implantando, em 1973, centros de atividades do SESI no Crato e na Barra do Ceará, em Fortaleza. Ainda nesta gestão, foi criada a Medalha do Mérito Industrial, comenda mais importante do setor, a fim de reconhecer aqueles que ajudaram a dar impulso ao desenvolvimento econômico e social do estado.

De 1977 a 1986, já era José Flávio Costa Lima o presidente da FIEC. É apontado como responsável por iniciar um processo de democratização da direção, colocar jovens empresários a exercerem o papel empresarial e de cidadão dentro de uma entidade de classe. O esforço fez renascer o Centro Industrial do Ceará (CIC), que fora fundado em julho de 1919, para as discussões conjunturais e econômicas. Ele também estimulou o setor de recursos humanos da FIEC por meio de treinamentos contínuos, inclusive nos sindicatos. Criou ainda o Conselho de Política Econômica e Social da Indústria Cearense, um modelo de parceria que envolve empresários, universidades, órgãos de administração pública e outros. Costuma ser lembrado também pela constante busca por promover uma gestão compartilhada.

Antes de concluir o mandato, José Flávio assinou, em 19 de junho de 1985, contrato no valor de Cr$ 7,5 bilhões com a Serves Engenharia, Comércio e Indústria Ltda, para dar início à construção da nova sede da FIEC, que, até então, continuava estabelecida no edifício Jangada, no Centro. A obra representava a realização de um antigo sonho de presidentes anteriores e, naquela ocasião, ganhava significado decisivo em razão do rápido processo de industrialização do país. As obras perpassaram período de alta inflação, aumentando custos, o que causou o atraso na conclusão, mas os esforços do empresariado em reduzir as diferenças entre Nordeste e Sul do país falaram mais alto. O terreno, na avenida Barão de Studart, foi comprado em 1984.

A Casa da Indústria

Situada na avenida Barão de Studart, no número 1980, a nova sede da FIEC passou a abrigar as áreas administrativas das entidades e dos sindicatos filiados, além de unidades operacionais da federação. A inauguração oficial da Casa da Indústria ocorreu em 22 de setembro de 1989. A nova sede proporcionou o início de um processo de transição para uma nova fase da industrialização do Ceará. Isso porque o prédio possibilitou a integração de todos os órgãos.

A construção foi iniciada em 19 de junho de 1985, orçada em Cr$ 7,5 bilhões. Executada pela Serves Engenharia, Comércio e Indústria Ltda, a obra teve custos majorados por causa das dificuldades econômicas que o país amargava, com alta inflação. Mas, por esforço dos sindicatos que compunham a FIEC, a obra foi concluída em 1989.

Em 1986, assumiu a presidência da FIEC Luiz Esteves Neto, que atuou por duas gestões, até 1992, inclusive como diretor da CNI. Foi nesta gestão que surgiu o Sistema FIEC, com a inauguração da Casa da Indústria, em 1989, na Barão de Studart, reunindo uma enorme gama de sindicatos e entidades classistas agregadas. A inserção da federação no interior também ganhou ênfase na gestão de Luiz Esteves Neto, com a instalação das primeiras delegacias no interior, expandindo a interiorização e aproximando lideranças de eixos produtivos, até então pouco participantes nas decisões em nível estadual.

A REABERTURA DEMOCRÁTICA

Mas desde 1984, o país vivenciava o período de reabertura democrática, pós-ditadura, e um grupo comandado pelo industrial Tasso Jereissati passa a conduzir o desenvolvimento local. O jovem contribuiu para a retomada do CIC como fórum de debates sobre a economia e a política regionais, inseridas no contexto brasileiro. Tasso teve passagem pelo Conselho de Política Econômica e Social da CNI antes de ser eleito governador do Ceará por três mandatos (nas eleições de 1986, 1994 e 1999).



INAUGURAÇÃO DA CASA DA INDÚSTRIA POSSIBILITOU A INTEGRAÇÃO DE TODOS OS ÓRGÃOS

Na segunda gestão de Tasso Jereissati à frente do Governo do Estado, foi instituído o Plano de Desenvolvimento Sustentável do Ceará, que colaborou para a criação de polos industriais no interior e investimento em infraestrutura turística. A década de 90 experimentou a reorganização das contas públicas e a criação de um programa de atração de indústrias. O investimento ajudou a construir a vocação que Fortaleza tem até hoje para comércio e serviços, apesar de as indústrias estarem fortemente concentradas na região metropolitana.

Fortaleza e cidades vizinhas experimentaram um período de desenvolvimento acelerado, definindo-se, cada vez mais, como polo de investimentos e de turistas. A partir daí, começou-se a falar em metrô, refinaria, siderúrgica, estaleiro. Este foi o cenário político que demarcou a gestão de Fernando Cirino Gurgel na presidência do Sistema FIEC (1992 a 1999). Gurgel traçou uma linha divisória que alçou a instituição ao centro das discussões em defesa do alavancamento dos setores produtivos e de parcerias com entidades congêneres. Ao assumir a função, Gurgel comprometeu-se a tornar o setor industrial cearense capaz de ajustar-se aos desafios da economia globalizada.

O método de gestão pautado por resultados, além do investimento em recursos humanos, trouxe melhorias físicas e instrumentais. Nesta fase, foi construído o anexo II da Casa da Indústria, que leva o seu nome, garantindo ao SESI, SENAI e IEL condições para atenderem com eficiência e rapidez as demandas do vasto campo de usuários dos serviços que oferecem.

A elevação da competitividade da indústria cearense, em conjunto com os demais setores, norteou as ações desta gestão. O primeiro passo para isso foi a implantação da unidade de tecnologia da informação. Em seguida, a entidade buscou facilitar o acesso do empresariado ao comércio internacional.

Empossado na FIEC em 1999, Jorge Parente fica na presidência até 2006. Foi uma gestão que apostou em acordos com Banco do Brasil, Banco do Nordeste e com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que proporcionaram a abertura de financiamentos para as empresas cearenses. Foram também firmadas parcerias de âmbito tecnológico com várias instituições.

MARCO: ASSINATURA DA ATA DE INAUGURAÇÃO, NO AUDITÓRIO WALDYR DIOGO



No início dos anos 2000, novas entidades foram incorporadas, como o Instituto Fiec de Responsabilidade Social (Fireso) e o Instituto de Desenvolvimento Industrial (INDI).

No início dos anos 2000, novas entidades foram incorporadas, como o Instituto Fiec de Responsabilidade Social (Fireso) e o Instituto de Desenvolvimento Industrial (INDI). Juntas ao SESI, SENAI e IEL, essas cinco instituições coordenadas pela FIEC atuaram para atender às diversas necessidades das indústrias cearenses, cada uma em sua área de atuação.

Ao mesmo tempo em que a indústria começa a se fortalecer no interior, as últimas gestões da FIEC se voltaram para o mercado externo. Pauta constante foi a redução da carga tributária, o que ajudaria a conquistar novos consumidores. Com o "enxugamento" dos impostos haveria a geração de micro e pequenas empresas, reduzindo a informalidade e a sonegação. Além de um sistema tributário justo, a FIEC reivindicava uma política de desenvolvimento regional.

Neste período, houve incremento nas exportações do estado, com apoio do Centro Internacional de Negócios (CIN), criado em 1998, também vinculado à FIEC. No discurso de posse de sua segunda gestão, Jorge Parente pontuou que, quando assumiu a FIEC, o Ceará se mantinha há seis anos no patamar de US$ 350 milhões de exportações ao ano. Em 2003, o número chegou a US$ 527 milhões. O Centro Internacional de Negócios prestava importantes serviços para melhorar a relação dos cearenses com o mercado externo, como organização de missões empresariais cearenses ao exterior, recepção de comitivas internacionais, realização de cursos e palestras em comércio exterior e encontros de negócios, estudos de inteligência comercial e emissão de certificados de origem, entre outros.

Ainda com a ajuda do Centro Internacional de Negócios, em 2005, o Ceará fechou o valor da venda externa em US$ 930 milhões. O avanço foi se mantendo contínuo e, em 2007, o estado ultrapassou a marca de US$ 1 bilhão em suas exportações. Com essas marcas, as vendas externas do estado deixaram para trás um longo período de estagnação, construindo-se uma trajetória contínua de crescimento e modificando o perfil do empresariado local.

A federação colheu bons frutos nesta década. Entre janeiro e maio de 2006, por exemplo, a indústria cearense cresceu 7,2% (em relação ao mesmo período de 2005) – enquanto o Brasil e o Nordeste registraram um crescimento de 3,35% do setor (dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE).

Nos anos seguintes, o Centro Internacional de Negócios continuou prestando importante serviço não apenas para a consolidação da cultura exportadora no setor produtivo, mas também na orientação diante das mudanças no ambiente do mercado internacional. A crise econômica mundial de 2008/2009 impôs a necessidade de diversificar e redirecionar as exportações para países emergentes e blocos econômicos. Missões à China e à África são exemplos.

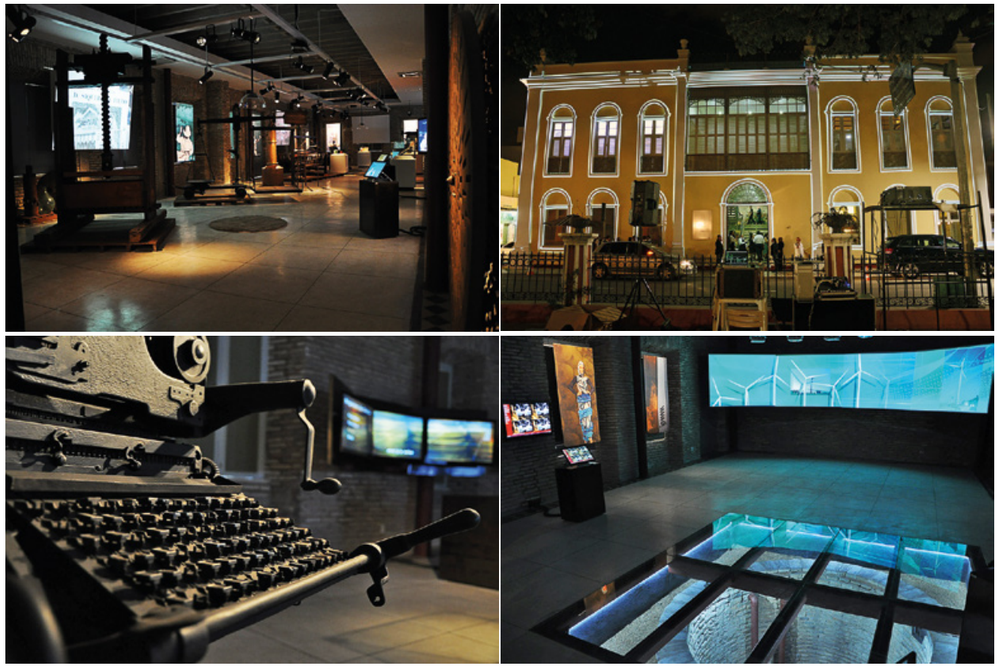
Já na gestão de Roberto Macêdo (2006-2014), o número de empresas associadas aos 39 sindicatos aumentou de 1.378 para 2.146, fortalecendo as entidades que formam a base do sistema representativo de empresários da indústria cearense, e, consequentemente, fortalecendo também a FIEC. Em parte, este resultado se deve às ações do Programa de Desenvolvimento Associativo (PDA), desenvolvido pela CNI, replicado nas federações, nos estados.

Na primeira gestão, houve grande investimento em formação profissional, também para setores que ganhariam força nos anos seguintes, com a chegada de novos empreendimentos no estado, como é o caso da siderúrgica. Não por acaso o trabalho, coordenado pelo IEL/CE, é considerado modelo para as demais federações. Em 2010, as exportações do Ceará chegavam a US$ 1,2 bilhão ao ano e Macêdo continuava a traçar metas ousadas. Para isso, dizia ser necessário continuar estimulando uma mentalidade exportadora, inclusive entre pequenos, médios e microempresários.

Na primeira gestão, houve grande investimento em formação profissional, também para setores que ganhariam força nos anos seguintes, com a chegada de novos empreendimentos no estado, como é o caso da siderúrgica.

Ao entregar o cargo, Macêdo nomeou sua gestão de "decálogo da governança sindical", enfatizando que o sindicato precisa ser representativo, profissionalizado, ético, gestor de demanda, alavancador, modernizador, motivador, inovador, integrador e responsável. Ele argumentava que, fortalecendo as entidades que constituem a base do sistema representativo do empresariado industrial do Ceará, seria possível contribuir para o aumento da competitividade das empresas cearenses.

No ano passado, Beto Studart tomou posse como presidente da FIEC para mandato de cinco anos. Ele é o 10º presidente da história da federação. Em seu discurso de posse, já citou compromisso de fortalecer a indústria do Ceará como instrumento de desenvolvimento econômico e social. Para ele, a federação deve atuar como indutora de políticas públicas, mobilizadora do debate político-econômico, catalisadora de parcerias entre o setor produtivo, governo e universidades. Os caminhos traçados são articulação, prestação de serviços, com melhorias constantes no SESI e SENAI, promovendo cada vez mais capacitação e interação e absorção de bons exemplos de mercados de fora do país. ■



MUSEU DA INDÚSTRIA: RESGATE DA INDUSTRIALIZAÇÃO DO CEARÁ EM PRÉDIO INSTALADO NO CENTRO HISTÓRICO DE FORTALEZA

A história da indústria em museu

Um casarão centenário restaurado, situado no Centro de Fortaleza, bem de frente para o Passeio Público, abriga hoje um rico acervo sobre a história da indústria no Ceará. O prédio imponente, de dois andares e dois mil metros quadrados, fica na esquina das ruas Doutor João Moreira e Floriano Peixoto.

O prédio do período imperial é de 1871 e sediava a Sociedade União Cearense, que foi primeiro clube social de Fortaleza. Mas também foi sede do Grande Hotel Norte, no fim do século XIX. Lá, se estabeleceu também a primeira sorveteria do Ceará. Em seguida, se instalaram ali a sede dos Correios e The Ceará Tramways Light & Power Co. Ltda, empresa da Inglaterra que prestava serviços de fornecimento de energia e bondinhos na Cidade.

É neste local tão rico de memórias que foi instalado o Museu da Indústria, uma iniciativa da FIEC. Inaugurado em setembro de 2014, o Museu tem como proposta valorizar, preservar e disponibilizar ao grande público as memórias de cinco séculos da história fabril cearense, com ações museológicas e culturais.

O equipamento expõe objetos, vídeos, imagens e documentos que remetem à memória do setor produtivo. O visitante tem acesso a maquinários antigos usados para o preparo de couro e algodão, que marcaram como os mais modernos e atuais em suas épocas. Assim como equipamentos utilizados nas lavouras de cana-de-açúcar. Máquinas usadas pela indústria gráfica, que montavam e imprimiam os folhetins, também integram a exposição.

65 anos

FIEC SESI SENAI IEL

FIEC

Federação das Indústrias do Estado do Ceará

O SINDREDES comemora com a FIEC os seus 65 anos.

Nosso reconhecimento a esta importante instituição por seu trabalho junto a Indústria Cearense.

SINDREDES

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE REDES DO ESTADO DO CEARÁ

Av. Barão de Studart, 1980 – Aldeota – 3º andar - 85 3421-5462 - sindredes@sfiec.org.br



FIEC SESI SENAI IEL

FIEC

Federação das Indústrias do Estado do Ceará

65 anos

O Sindsal parabeniza e celebra com a FIEC os seus 65 anos de parceria, sucesso, inovação e dedicação, proporcionando aprendizado e crescimento profissional. Dar sabor a vida é sua marca.

SINDSAL

Sindicato das Indústrias da Extração do Sal no Estado do Ceará

Av. Barão de Studart, 1980 – Aldeota – 3º andar – 85 3421.5468





Construir parcerias de sucesso é a forma mais eficaz de desenvolver um projeto sustentável, íntegro e pleno.

O SindSerrarias está junto com a FIEC nessa construção diária de busca da qualificação e crescimento da Indústria do Estado do Ceará.

60 Anos SINDSERRARIAS

Av. Barão de Studart, 1980, 3º andar - Aldeota - 85 3421- 5468 - sindserrarias@sfiec.org.br

FORA DA CAIXA

SINDSORVETES
Sindicato das Indústrias de Sorvetes do Estado do Ceará

O SINDSORVETES parabeniza a FIEC por seus 65 anos atuando junto a Indústria Cearense.

FIEC SESI SENAI IEL

FIEC
Federação das Indústrias do Estado do Ceará



Av. Barão de Studart, 1980, 4º andar - Aldeota - 85 3421 6503/ 4141 3733



UM MUNDO MELHOR SE CONSTRÓI COM AS NOSSAS ATITUDES.

VAMOS COMEÇAR?

O Sindicato das Construtoras do Ceará lançou em abril a campanha Valores Constroem. Desde então, uma série de mensagens e ações falam sobre como podemos fazer a diferença.

Todos nós diariamente sonhamos com um mundo melhor. Essa campanha é um convite para começarmos a tirar esse sonho do papel a partir das nossas atitudes.

VALORES CONSTROEM.

COMPARTILHE ESSA IDEIA.

Sinduscon CE
Sindicato das Construtoras

/sindusconceara #valoresconstroem



CIC Centro Industrial do Ceará

O Centro Industrial do Ceará – CIC, fundado em 27 de julho de 1919, é uma sociedade civil sem fins lucrativos constituída por pessoas físicas e jurídicas que exercem atividades industriais ou afins.

Tem por objetivo precípuo o desenvolvimento econômico-social sustentado do Ceará, sem perder de vista o contexto regional e nacional, participando ativamente da discussão e formulação das políticas propostas.

Por princípio básico o CIC concentra-se na defesa de questões de interesse geral, evitando posicionamentos corporativos, sem prejuízo da capacidade de representar e defender seus sócios perante os poderes constituídos e ainda, com eles colaborar no estudo e solução de assuntos que possam interessar a indústria brasileira, a expansão econômica nacional e de estimular, por outro lado, a defesa da cidadania, da liberdade humana e da livre empresa.

José Dias de Vasconcelos Filho
Presidente do CIC

www.cic.com.br

facebook.com/CICCEARA

twitter.com/CIC_Ceara

(85)3421-5412 / 5472

65 anos FIEC

Congratulações do Centro Industrial do Ceará



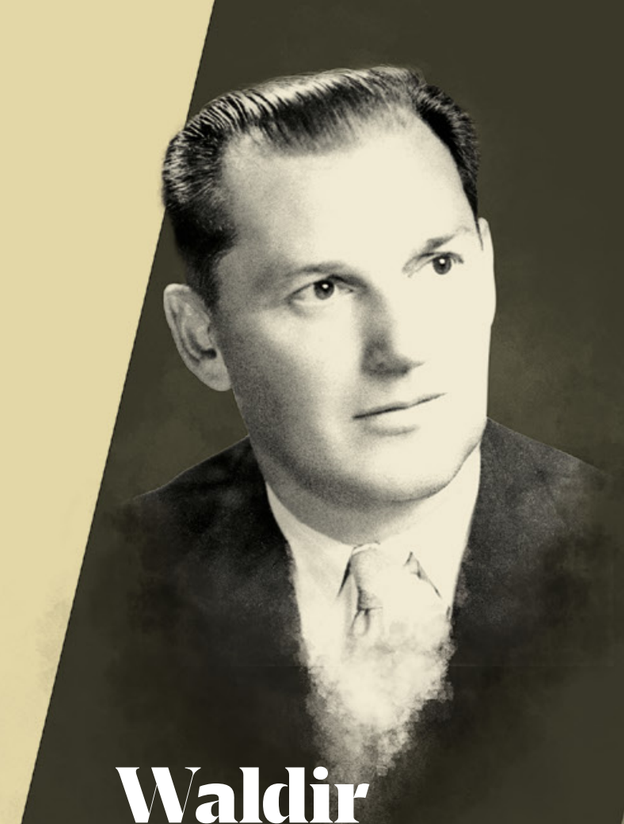
Foto: Marcelo Rolim

José Dias(Presidente do CIC) - Beto Studart(Presidente da FIEC)

O **Centro Industrial do Ceará - CIC**, parabeniza a **Federação das Indústrias do Estado do Ceará - FIEC** pelos seus 65 anos de luta pelo desenvolvimento do Ceará.

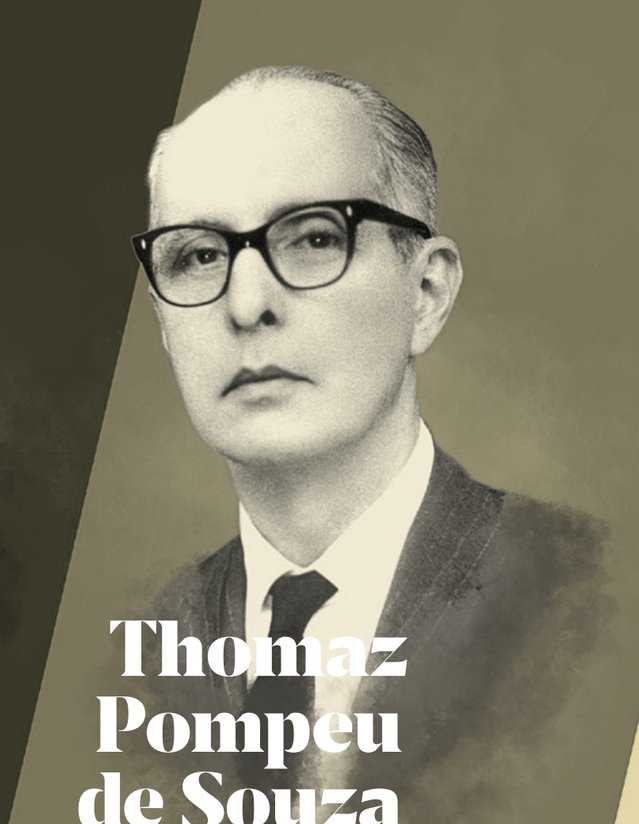
Os presidentes da FIEC

A HISTÓRIA DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO CEARÁ TAMBÉM PASSA PELA TRAJETÓRIA DE SEUS PRESIDENTES E INTEGRANTES DE SUAS RESPECTIVAS DIRETORIAS. NOS SEUS 65 ANOS DE HISTÓRIA, A FIEC TEVE 10 PRESIDENTES, PESSOAS DEVOTADAS AO DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA, ORGANIZAÇÃO DE SETORES PRODUTIVOS DIVERSOS E AO CRESCIMENTO ECONÔMICO DO CEARÁ. CADA PRESIDENTE – DE WALDYR DIOGO A BETO STUDART – DEU E AINDA DÁ CONTRIBUIÇÕES VALIOSAS NO DESAFIO DE FAZER CRESCER AINDA MAIS A INDÚSTRIA CEARENSE. E É TAMBÉM GRAÇAS AO EMPENHO DELES QUE A FIEC CHEGOU ONDE ESTÁ. CONHEÇA OS PRESIDENTES DA FIEC E OS DESTAQUES DE SUA ATUAÇÃO.



Waldir Diogo Siqueira 1950-1962

Primeiro presidente da FIEC, teve papel crucial para sua fundação. Nasceu em 1910, em Fortaleza, herdeiro do industrial Antônio Diogo de Siqueira. Formou-se engenheiro civil pela Escola Politécnica da Bahia (1932). O perfil urbanístico de Fortaleza também tem seu traço, pois Waldyr Diogo atuou na indústria da construção civil – além da extração de óleos. Também foi presidente dos conselhos regionais do SESI e do SENAI e diretor regional do SESI e diretor tesoureiro da CNI. À frente da FIEC, estabeleceu convênios internacionais que resultaram em recursos financeiros e equipamentos para as atividades sociais do SESI e o ensino profissionalizante do SENAI, entre outras realizações. Waldyr Diogo morreu em 1970, no Rio de Janeiro.



Thomaz Pompeu de Souza Brasil Netto 1962-1971

Filho do médico Thomás Pompeu Filho, nasceu no Rio de Janeiro, em 1908. Foi o principal organizador e presidente do Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem do Ceará (até 1962) e presidente da Associação Comercial (entre 1955 e 1956). Em 1967, assumiu a presidência da CNI, onde permaneceu, por meio de eleições sucessivas, por mais de um decênio. Unia modernidade e visão humanística no processo de industrialização. Como exemplo, tem-se a idealização do Centro de Atividades Thomaz Pompeu de Souza Brasil do SESI/CE e do Centro de Formação Profissional de Tecnologia Gráfica Waldyr Diogo de Siqueira, na capital, e do Centro de Atividades do SESI no Crato. Thomás Pompeu morreu em 1985, em Fortaleza.

José Raimundo Gondim 1968-1971

Cearense nascido em 1921, era filho do empresário hoteleiro Efrem Gondim e se tornou célebre pela oratória "de primeira grandeza". Deixou sua marca nos discursos de improviso e na defesa do desenvolvimento regional e local, numa época em que o Nordeste e o Ceará careciam de infraestrutura e de crédito para as empresas e os agricultores. À frente da FIEC; defendeu a interiorização da industrialização, colaborando com a vinda do Grupo Votorantim para o Ceará (em Sobral, foi instalada uma fábrica de cimento). Ao deixar a presidência da FIEC, dedicou-se, com o amigo Edson Queiroz, à implantação da Universidade de Fortaleza (Unifor). Após a Segunda Guerra Mundial, saiu como major e se dedicou à empresa familiar Eisa, produtora de óleos vegetais.





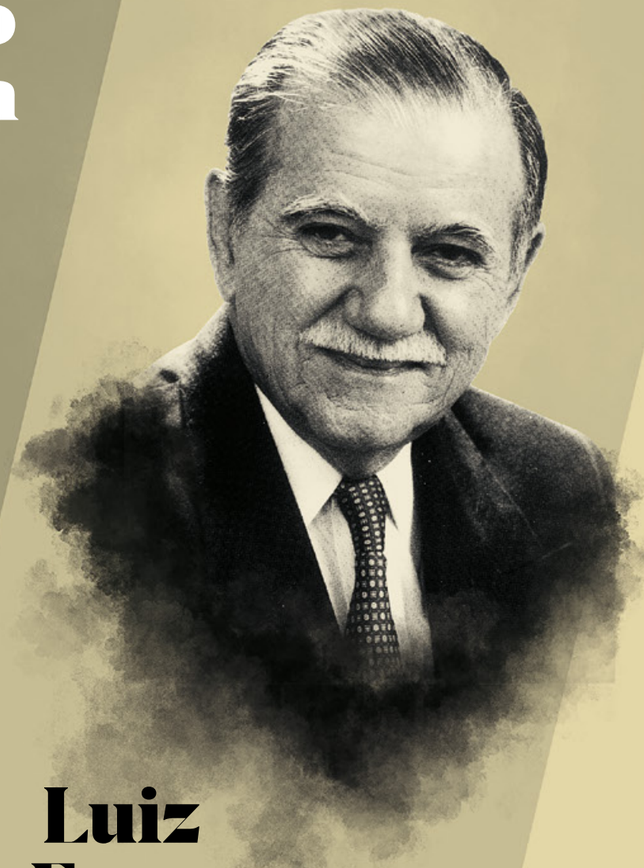
Francisco José Andrade de Silveira 1968-1971

Foi presidente da FIEC quando Thomaz Pompeu de Souza Brasil Netto comandava a CNI. Teve a gestão marcada pela tentativa de unir forças e propósitos da classe empresarial em torno da FIEC. Neste tempo, a federação dobrou o número de sindicatos filiados, abrindo-se também à participação feminina. Foi a partir deste momento que se estreitou a relação da FIEC com o Governo do Estado, que tinha César Cals Filho no comando. Reivindicações da FIEC passaram a ser ouvidas, viabilizando mais incentivos e apoio à indústria. Outra ação foi a reformulação administrativa do Sistema SESI/SENAI e a instalação pioneira, no Nordeste, do núcleo do Instituto Euvaldo Lodi (IEL/CE). Também contribuiu para a expansão do Sistema, implantando o Centro de Atividades do SESI no Crato e o Centro de Atividades da Barra do Ceará – em 1973. Instituiu ainda a Medalha do Mérito Industrial, "maior comenda da indústria cearense", reconhecendo as pessoas que ajudaram a dar impulso ao desenvolvimento econômico e social do estado. É natural de Fortaleza, formado em Engenharia Civil (Escola de Engenharia Mackenzie de São Paulo). Atuou, principalmente, no segmento de tecelagem.

José Flávio Costa Lima 1977-1986

Nascido em Aracati, é formado em Direito pela Faculdade do Largo do São Francisco (SP). Antes de assumir a presidência da FIEC, foi eleito deputado federal em 1958 e 1966 e foi secretário da Indústria e Comércio do Ceará no governo de Adauto Bezerra. Na sua gestão, os sindicatos afiliados passam a ser ouvidos na escolha de dirigentes, "coisa até então delegada à Confederação Nacional da Indústria (CNI), sediada no Rio de Janeiro. Outra iniciativa pela democratização da gestão, foi a convocação de jovens para exercerem papel empresarial e de cidadão, dentro de uma entidade de classe, transferindo a um pequeno grupo a direção do Centro Industrial do Ceará (CIC). Com sua visão de gestão compartilhada, mobilizou, renovou ideias e posturas. Outro reflexo disso foi a criação do Conselho de Política Econômica e Social da Indústria Cearense, inserindo representantes das universidades e de órgãos da administração pública nas discussões da entidade.





Luiz Esteves Neto 1986-1992

Contador e advogado, dedicou-se ao setor gráfico, assumindo, ao lado do pai, uma função na gráfica Tiprogresso, desde 1940. Sempre se motivou pelo sentimento de renovação, de mudanças, de inquietação social. A partilha da gestão foi também uma iniciativa adotada por ele. Na sua gestão, houve o surgimento do Sistema FIEC, com a inauguração da Casa da Indústria e a instalação das primeiras delegacias da FIEC no interior, expandindo o processo de interiorização e aproximando lideranças de eixos produtivos. Foi também diretor da CNI.

Fernando Cirino Gurgel
1992-1999

Parceria era sua "chave-mestra". Como desafio, tinha de tornar o setor industrial cearense capaz de se ajustar à economia globalizada. Era preciso elevar a competitividade da indústria cearense. CIC, CDL, Fecomércio, AJE, Facic e Associação Comercial se tornaram parceiros, agregando esforços, traçando metas comuns. Implantou, na FIEC, a unidade de Tecnologia da Informação e estruturou o Centro Internacional de Negócios, abrindo portas para o empresariado ao comércio internacional. Qualificou instrutores e modernizou laboratórios e oficinas do SENAI. Estabeleceu convênios e intercâmbios com universidades e institutos de pesquisa do Ceará ao exterior. Economista, formado pela UFC em 1976. Com 18 anos, começava a trabalhar com o pai, na Fundição Cearense, empresa de sua família.





Jorge Parente
1999-2006

"Conciliação" regeu o discurso de Jorge Parente à frente da FIEC. Defendeu sempre a união em favor dos interesses comuns da economia cearense. Todos pelo estado era seu lema. Nesse sentido, além do aperfeiçoamento das parcerias na linha tecnológica e da ampliação do comércio exterior, investiu no conceito de responsabilidade social no âmbito empresarial. Jorge Parente nasceu em Fortaleza, em 1945. Gosta de rememorar a alfabetização pela mãe, dona Maria Augusta Espíndola Frota, professora primária na Fazenda Iracema, e a tenacidade do pai, Jorge Parente Frota, engenheiro agrônomo. É formado em Economia pela Universidade Federal do Ceará.

Roberto Macêdo
2006 - 2014

No discurso de posse na presidência da FIEC, o dirigente do Grupo J. Macêdo planejava envolver empresários e governo na simplificação do sistema tributário, com a consequente redução da carga de impostos. Com o pagamento de menos tributos, defendia, que é possível tanto reduzir a informalidade quanto a sonegação. Além disso, pretendia "recolocar a FIEC à altura das exigências econômicas, sociais e políticas dos novos tempos". Em sua pauta, assinalou estimular o interesse de participação dos empresários. Desafiava-se a fortalecer e reunificar a instituição. Roberto Proença de Macêdo nasceu em 1944, em Fortaleza. É formado em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal do Ceará.





Beto Studart
2014-2019

Jorge Alberto Studart Gomes, conhecido como Beto Studart, é formado em Administração de Empresas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e, desde cedo, exerceu sua vocação empresarial. Assumiu, aos 22 anos, a presidência da Agripec, indústria do setor químico na qual se dedicou durante quatro décadas. A empresa, pelo sucesso empreendido, transformou-se na maior formuladora de defensivos agrícolas do país, atraindo a atenção de conglomerados internacionais e culminou na sua venda, em 2007, para a australiana Nufarm. Hoje está à frente do grupo BSPAR, que atua nas áreas imobiliária e financeira. Atua também no setor da tecnologia da informação e da tecnologia médica com a Studheart Medical Technologies, empresa que está desenvolvendo um coração artificial. Há ainda a Fundação Beto Studart de Incentivo ao Talento, que beneficia cerca de 22 mil pessoas em projetos sociais.

Selos e carimbo dos Correios celebram os 65 anos da FIEC

UM SELO E CARIMBO PERSONALIZADOS, CRIADOS PELOS CORREIOS, MARCAM NA HISTÓRIA AS COMEMORAÇÕES PELOS 65 ANOS DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO CEARÁ (FIEC).

A imagem do selo comemorativo — com o estado do Ceará e setores industriais representativos sobrepostos — simboliza a importância da atividade industrial dentro da história e desenvolvimento do Ceará, que foi impulsionada pela forte atuação da FIEC, aos longo dos seus 65 anos.

O selo comemorativo dos Correios é uma marca filatélica, sem tempo determinado de utilização, que se destina a difundir o trabalho de relevantes instituições e personalidades, bem como assinalar um acontecimento, destacando o motivo, a legenda, a marca, a data e o local de sua emissão. Junto ao selo também foi criado pelos Correios um carimbo comemorativo, que será aposto sobre o selo ou sobre uma marca de franqueamento postal.

Os selos e o carimbo serão utilizados nas correspondências oficiais do Sistema FIEC e, após o período de utilização, o carimbo será recolhido ao acervo do Museu Nacional dos Correios, em Brasília (DF). ■

FORA DA CAIXA

O Sindicato das Indústrias de Calçados
e Vestuários de Juazeiro do Norte e Região
parabeniza ao Sistema FIEC por seus 65 anos.

65 anos

FIEC SESI SENAI IEL
FIEC
Federação das Indústrias do Estado do Ceará

SINDINDÚSTRIA

Av. Leão Sampaio, 839 - Km 01 - Triângulo - Juazeiro do Norte - Ceará - Fones: (88) 3571.2010

FORA DA CAIXA

FIEC SESI SENAI IEL
FIEC
Federação das Indústrias do Estado do Ceará

Parabenizamos a FIEC por
seus 65 anos de trabalho
para o crescimento das Indústrias
de todo o Estado do Ceará.

SindiCouros
Sindicato da Indústria de Curtimento
de Couros e Peles no Estado do Ceará

Av. Barão de Studart, 1980 - 4° andar - Aldeota - (85) 85 3264.3541 - sindicouros@sfiec.org.br

FIEC
SESI
SENAI
IEL

FIEC

Federação das Indústrias do Estado do Ceará

65 anos

Parabéns a FIEC por seus 65 anos de luta em favor do crescimento da Indústria Cearense. O Sindimest faz parte desta rede.

SINDIMEST
Ceará

Sindicato das Indústrias e Empresas de Instalação, Operação e Manutenção de Redes, Equipamentos e Sistemas de Telecomunicações do Estado do Ceará

Av. Barão de Studart, 1980 - Aldeota - 3º andar - (85) 3466.5433

FORA DA CAIXA

Há 65 anos a FIEC conduz a Indústria Cearense no caminho do crescimento.

FIEC
SESI
SENAI
IEL

FIEC

Federação das Indústrias do Estado do Ceará

65 anos

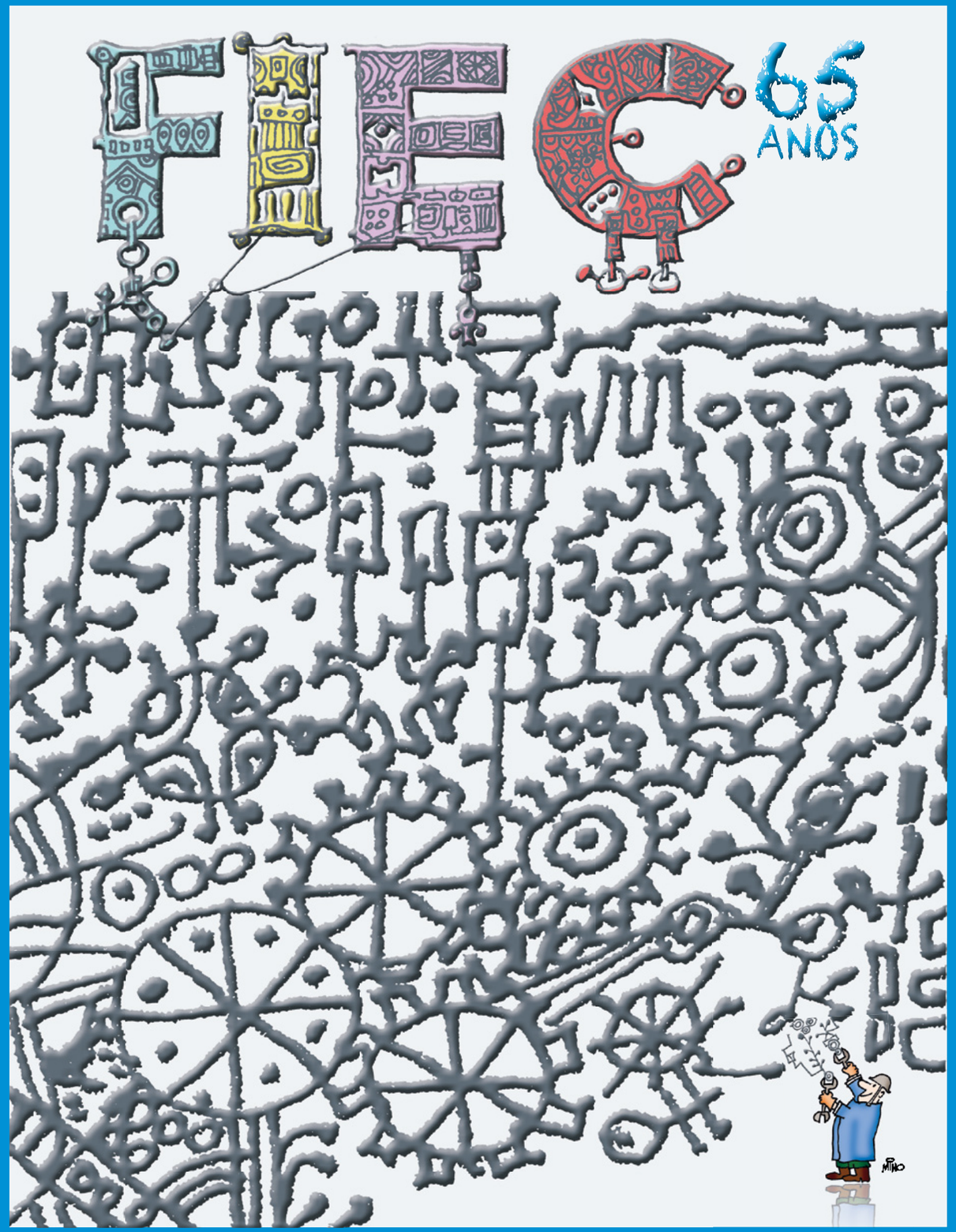
O Sifavec é parceiro da FIEC nesta estrada.

SIFAVEC

Sindicato dos Fabricantes de Veículos Especiais do Ceará

Rua Estevão de Campos, 1200 – Barra do Ceará – 85 3237.0730

FORA DA CAIXA



LOGÍSTICA INTEGRADA DE ALTA PERFORMANCE



TERMACO
TERMINAIS
RETROPORTUÁRIOS



TERMACO
TRANSPORTES



TERMACO OPERAÇÕES
PORTUÁRIAS



TERMACO LOGÍSTICA

Trabalhar com a Termaco é ter à disposição 28 anos de experiência e reconhecimento em todo Brasil. Com forte atuação nos segmentos de movimentação e armazenagem portuária, transporte de containers, cargas especiais e fracionadas, a Termaco conta com unidades instaladas em todos os estados no Nordeste e em São Paulo, bem como, nos portos do Mucuripe e Pecém (CE), Natal (RN) e Suape (PE). Com uma equipe de profissionais capacitados, equipamentos modernos e certificação ISO 9001, a Termaco oferece ao mercado soluções estratégicas, garantindo a excelência dos serviços prestados e a satisfação de seus clientes.

TERMACO
LOGÍSTICA

55 85 3388 5600
www.termaco.com.br

FIEC
SESI
SENAI
IEL

FIEC

Federação das Indústrias do Estado do Ceará



Ivens Dias Branco Júnior

Pedro Alcântara Rego de Lima

Humberto Feijó Fontenele